

MONOGRAFIA

TCC/UNICAMP

H393v

1868 FEF/506

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A VIOLÊNCIA PRATICADA PELOS JOGADORES DENTRO DO CAMPO DE FUTEBOL

MARCELO HENNIES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (MONOGRAFIA),
APRESENTADO À FEF/UNICAMP, COMO PARTE DOS
REQUISITOS PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE
BACHAREL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Orientador: Prof. Dr. MIGUEL ARRUDA

CAMPINAS
1999

TCC/UNICAMP
H393v



1290001868



SUMÁRIO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
-------------------	-----------

DESENVOLVIMENTO

Capítulo 1	04
Capítulo 2	14
Capítulo 3	17
Capítulo 4	20
Capítulo 5	22
Capítulo 6	28
Capítulo 7	31
Capítulo 8	34

CONCLUSÃO	36
------------------	-----------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
-----------------------------------	-----------

ANEXOS	39
---------------	-----------

INTRODUÇÃO



Sempre gostei do futebol. Quer seja jogando, quer seja assistindo pela televisão, ou ouvindo pelo rádio, ou ainda indo ao estádio, o futebol é o esporte que sempre me fascinou. Quantos brasileiros já não se imaginaram sendo um grande craque, decidindo na imaginação um grande jogo, vestindo, é claro, a camisa do time do coração?

Os campos de várzea e o futebol jogado na rua foram fundamentais para gostar do futebol, além de assistir a Zico, Ademir da Guia, Pedro Rocha, Luís Pereira, e outros. Apesar de poucos, era maravilhoso assistir as partidas de futebol no estádio, ver esses gênios da bola exibirem toda sua categoria nos campos.

Eu freqüentava os estádios, principalmente o Pacaembu (o meu preferido), o Morumbi, o Canindé e o Parque Antártica, sempre aos sábados.

Lembro-me do último grande jogo a que fui assistir: Sport Club Corinthians Paulista e Sociedade Esportiva Palmeiras. Mais de 90 mil pessoas no estádio neste clássico válido pelo campeonato brasileiro.

Não me recordo exatamente o ano, se foi em 1974 ou 1975. O resultado do jogo? Foi um 0 x 0, mais isso não foi o mais importante. O que mais me marcou foi o fato de não haver separação das torcidas pelos policiais.

Esses grandes jogos (ainda) eram reproduzidos por nós nos campinhos de várzea e no futebol de rua, em querer repetir tudo igualzinho ao que acontecia nos grandes jogos.

Mas, tanto os jogadores profissionais quanto nós, torcedores, jogávamos futebol sempre respeitando um princípio básico: que o futebol era um espetáculo, e

só jogava nesses times as pessoas que realmente sabiam jogar futebol; poucos jogadores se tornavam rico jogando futebol.

Mas o tempo tratou de alterar, ou ir alterando, aos poucos, essa realidade, e, se as pessoas não acompanhassem essas mudanças, se tornariam arcaicas, atrasadas, obsoletas. Ao mesmo tempo fui crescendo, e o Brasil crescia desordenadamente, pois as grandes cidades não conseguiam absorver os emigrantes, sobretudo do nordeste, atraídos por uma falsa esperança de prosperidade nos grandes centros urbanos. E os campinhos de várzea? A maioria desapareceu, cedendo o lugar a casas e edifícios, como aquele que eu costumava jogar, em Osasco. O futebol de rua sobrevive, hoje em dia, apenas nos bairros da classe mais pobre e miserável; só um louco deixaria seu filho jogar bola na rua, para se tornar mais um número da violência urbana .

Grandes jogadores do passado, formados no futebol de várzea, que vinham para os clubes prontos, tendo adquirido toda a malícia do futebol nas ruas, estão em falta; os clubes, que por tanto tempo adquiriram grandes jogadores, agora se contentam com jogadores apenas medianos, grande parte vindos das categorias de base dos clubes ou das escolinhas de futebol. Atualmente, bons jogadores custam verdadeiras fortunas, e os clubes são socorridos pelo poderio financeiro das empresas para poder adquirir tais jogadores.

Ao ingressar na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, no curso de Bacharel em Educação Física, eu já sabia que teria de apresentar um trabalho de conclusão de curso, ou monografia, e já tinha uma certeza: o trabalho seria sobre futebol, ou com algum tema ligado ao futebol. Passados quatro anos de curso com

muito estudo e aprendizado, comecei a juntar as peças, ou melhor, as informações deste “quebra-cabeça” : futebol, violência, aumento do número de faltas, aumento das lesões dos jogadores, aumento da brutalidade praticada dentro de campo, aumento da rivalidade entre jogadores e clubes, impunidade .

Então, decidi apresentar um trabalho que discutisse sobre a brutalidade dos jogadores de futebol, algo que falasse um pouco sobre este assunto, a meu ver um tanto pouco esquecido por todos nós, amantes do futebol, pela imprensa e pelos dirigentes . Acompanhando a final do Campeonato Paulista de 1999, e, mais adiante, o Campeonato Brasileiro de 1999, notei que poderia utilizar os acontecimentos desses campeonatos, em especial os dois jogos finais do Paulista-99 para falar da violência praticada dentro de campo pelos jogadores, sob a forma de vídeo e reportagens de jornais e revistas, com os fatos que antecederam e que acabaram levando a explosão da violência dos jogadores de S. E. Palmeiras e S. C. Corinthians P. no jogo final do dia 20 de junho de 1999 .

Por todas estas colocações eu espero, antes de tudo, que este trabalho possa contribuir para se refletir sobre a brutalidade presente dentro dos campos de futebol, e que haja mais debates sobre o assunto, pois, deste modo, os únicos “torcedores” presentes a um estádio de futebol serão os vândalos e briguentos, assistindo a um espetáculo selvagem, proporcionados por dirigentes, mídia e técnicos, mas principalmente pelos protagonistas do espetáculo, os jogadores .

DESENVOLVIMENTO



Capítulo 1

A VIOLÊNCIA PRATICADA PELOS JOGADORES

Regulamento para o Campeonato Paulista de 1999, parágrafo segundo do artigo primeiro do Anexo Disciplinar: ***“O cartão vermelho passará a ter função apenas na partida , não havendo mais a automática ”***. A federação paulista de futebol também puniria a equipe que não entrasse em campo, nos jogos em que fosse a equipe mandante, com a maioria de seus jogadores titulares.

Mas as equipes do Sport Club Corinthians Paulista e Sociedade Esportiva Palmeiras tiveram de colocar, em muitos de seus jogos, jogadores reservas, por estarem na disputa da Taça Libertadores da América. Após algumas discussões e ameaças de punições, com multas de até R\$ 450 mil reais, a federação paulista de futebol resolveu não punir os clubes, e no final, teve de acatar a estratégia, exigindo apenas que as equipes não dissessem que consideravam que estavam usando um time “misto”. Para o campeonato paulista do ano 2000 a federação já incluiu em seu regulamento que será considerado jogador titular os atletas com a numeração entre 1 e 18.

Este foi mais um fato que marcou o campeonato paulista de 1999 pela desorganização, colaborando com a violência ao não punir os responsáveis, que agem impunemente. Esta situação é no mínimo irônica, pois há toda uma campanha contra a violência nos estádios de futebol e, dentro de campo, a brutalidade toma rumos que praticamente foge ao controle dos dirigentes. Jogadores que são “caçados” em campo (geralmente, os mais habilidosos), sofrendo sérias lesões, e os

agressores sequer são advertidos. Punição por praticar faltas violentas, então, nem pensar.

Um exemplo foi o que aconteceu com o jogador Jajá, do Guarani Futebol Clube, atingido pelo jogador Júnior Baiano, da Sociedade Esportiva Palmeiras, durante o campeonato paulista de 1999. Após o lance, o atleta do Guarani Futebol Clube disse que houve maldade por parte do zagueiro: ***“o Júnior Baiano foi desleal, ele viu que não ia pegar a bola e deixou o pé no alto, propositadamente”*** (jornal Correio Popular, 1999). Amparado pelo regulamento da competição, o presidente da federação paulista de futebol, senhor Eduardo José Farah, sugeriu que os dirigentes do Guarani Futebol Clube entrassem com uma representação na entidade.

O artigo 19 fala sobre punir atletas por ***“lesão grave causada propositadamente contra companheiros de equipe ou componente da equipe adversária”*** (jornal Correio Popular, 1999). O caso seria julgado por uma comissão disciplinar, mas não há especificação do período de punição. O tribunal solicitaria um videoteipe para analisar o lance e verificar se realmente houve a intenção de machucar o adversário, além de ser ouvida, também, a opinião do árbitro da partida.

Numa atitude típica de que a impunidade prevalece no futebol, o jogador Jajá, mesmo reconhecendo que o jogador da Sociedade Esportiva Palmeiras fora violento, não defendeu, abertamente, uma punição ao atleta (jornal Correio Popular, 1999); se o próprio jogador não se interessa em coibir a brutalidade dentro de campo, não será fora do campo que irão defendê-lo.

Sobre este aspecto, a violência torna-se banalizada, ou seja, as equipes mais influentes e ricas usam dessa “força política” para livrar seus atletas de punições devida à violência praticada dentro de campo. Ou, então, a violência é simplesmente ignorada, como aconteceu no campeonato paulista de 1999, sem punição – a suspensão automática da partida seguinte foi abolida nesta competição, quer seja pelo jogador que acumulasse 3 cartões amarelos ou recebesse 1 cartão vermelho.

O resultado surgiu nos dois jogos finais do campeonato entre Sport Club Corinthians e Sociedade Esportiva Palmeiras, cuja rivalidade histórica têm causado, nas últimas décadas, confrontos tanto entre as torcidas quanto entre os jogadores: basta ver que, somente neste ano, todos os jogos envolvendo o Sport Club Corinthians Paulista e a Sociedade Esportiva Palmeiras, sempre houve troca de acusações entre os jogadores, com cobertura e incentivo da imprensa, e sob olhares coniventes dos dirigentes.

No primeiro jogo da final, os jogadores da Sociedade Esportiva Palmeiras responsabilizaram o árbitro Oscar Roberto de Godói pela derrota (0x3), acusando-o de tê-los ofendidos, e de usar critérios diferentes ao dar cartões. As arbitragens estão sendo, também, muito questionadas em coibir a brutalidade dentro de campo, propiciando um clima de impunidade e colaborando com o aumento da rivalidade entre os clubes e torcedores.

Ao final do primeiro jogo, os dois times deixaram o campo trocando acusações. Alguns jogadores, como Júnior Baiano, da S. E. Palmeiras, aumentaram a rivalidade, ao dizer que os "rivals" iriam entregar a faixa de campeão aos jogadores da Sociedade Esportiva Palmeiras.

Durante a partida final houve uma atitude, que foi considerada provocativa por muito: uma série de embaixadas feita pelo jogador Edilson, diante dos adversários, sem caminhar em direção ao gol, e a tentativa de agressão dos jogadores Paulo Nunes e Júnior em cima do Edilson: ***“Eram 30 minutos do 2º tempo, e o Corinthians acabara de empatar o jogo. Na lateral do campo, próximo ao banco de reservas do Corinthians, o atacante Edilson, marcado à distância pelo palmeirense Júnior, começa a fazer embaixadas”*** (Folha de S. Paulo, 21 de junho de 1999). O árbitro Paulo César de Oliveira não expulsou nenhum jogador após a confusão.

Para entender a briga generalizada em campo, devemos levar em consideração a história desse jogo Corinthians e Palmeiras, e os outros 6 jogos anteriores a esse, só nesse ano. Muita rivalidade e disputa dentro de campo, troca de ofensas após as partidas.

No primeiro jogo, houve troca de acusações: os jogadores da Sociedade Esportiva Palmeiras acusavam os jogadores adversários de abusar da violência, por causa de entradas duras dos jogadores Vampeta e de Marcelinho Carioca, do S. C. Corinthians Paulista; os jogadores do Sport Club Corinthians Paulista afirmaram que o técnico Luís Felipe Scolari, da Sociedade Esportiva Palmeiras, ameaçara mandar seus jogadores baterem na partida final.

A afirmação de alguns jogadores corintianos, de que torceriam contra a S. E. Palmeiras, causou indignação nos jogadores palmeirenses; já o volante Rincón, do Sport Club Corinthians Paulista, afirmou: ***“quando ganhei o Paulista-94 pelo Palmeiras não comemorei. Identifico-me mais com a torcida do Corinthians”***

(jornal Folha de S. Paulo, 20 de junho de 1999). Segundo os jogadores da Sociedade Esportiva Palmeiras, houve por parte dos jogadores adversários um menosprezo devido à conquista da Taça Libertadores da América pela Sociedade Esportiva Palmeiras; já o zagueiro Gamarra, do Sport Club Corinthians Paulista, disse: ***“Os palmeirenses colocaram máscara, e agora não sabem perder. Tem que deixá-los chorar”*** (jornal O Estado de S. Paulo, 21 de junho de 1999).

Ao final do jogo, o atacante Edilson disse: ***“são muitas as provocações em um clássico, ainda mais contra o Palmeiras, mas o jogador tem que ser ponderado. Cabe a nós, que somos profissionais, ter equilíbrio”*** (jornal Folha de S. Paulo, 21 de junho de 1999). As declarações dos jogadores Rincón, Gamarra e Edilson, todos do S. C. Corinthians Paulista, são motivadas pelo aumento dos jogos entre as equipes rivais, refletindo dentro do campo com o aumento da violência e da brutalidade dos jogadores.

Após o término do jogo, o jogador Silvinho, lateral do Sport Club Corinthians Paulista, fez a seguinte declaração: ***“Hoje, a rivalidade entre Corinthians e Palmeiras é muito grande, mas nós, atletas profissionais do futebol, temos que ter um grande controle emocional, porque somos pagos, e porque somos os protagonistas de um espetáculo, o futebol, que é tão grande e tão importante, quanto este clássico... temos que ter este controle emocional para que não seja uma provocação que venha tirar o brilho de um espetáculo...foram tantas provocações, de um lado e de outro... essa atitude do Edilson pode ser vista de vários lados: se podemos usar isso contra o lado emocional de uma pessoa ou outra, você, com 5 minutos de jogo, expulsa 2 jogadores adversários...”*** .

O técnico do Sport Club Corinthians Paulista, Oswaldo de Oliveira, criticou a atitude de Edilson, dando embaixadas logo após o gol de empate do Sport Club Corinthians Paulista, aos 31 minutos do segundo tempo, o que provocou a suspensão antecipada do jogo final do campeonato paulista: ***“Não gostei, e já havia chamado a atenção dele em uma outra ocasião, quando ele fez algo parecido. Foi lamentável”*** (jornal O Estado de S. Paulo, 21 de junho de 1999);

Para alguns jogadores da Sociedade Esportiva Palmeiras, como o atacante Evair, que inclusive precisou ser contido pelos companheiros para não agredir Edilson, afirmou: ***“Foi uma total falta de respeito profissional”*** (jornal O Estado de S. Paulo, 21 de junho de 1999); seu companheiro de ataque, Paulo Nunes, também condenou a atitude de Edilson: ***“ele não teve um comportamento de homem, teve uma atitude irresponsável”*** (jornal O Estado de S. Paulo, 21 de junho de 1999).

O atacante palmeirense teve o apoio de seu companheiro de equipe, o lateral Júnior: ***“Entreí duro, para tentar quebrá-lo. Ele nos humilhou e isso não se faz”*** (jornal Folha de S. Paulo, 21 de junho de 1999). E continuou: ***“Depois de uma gozação de mau gosto, o jogador não tem como segurar os nervos; por mais que você queira respeitar o colega de profissão, chega uma hora que você perde a cabeça”*** (jornal O Estado de S. Paulo, 21 de junho de 1999).

O goleiro Marcos, da Sociedade Esportiva Palmeiras, atacou o rival Edilson: ***“se ele (Edilson) fizesse isso na minha frente, daria um bico nele que iria fazê-lo parar na lua. Sabia que o Corinthians iria arrumar confusão”*** (jornal Folha de S. Paulo, 21 de junho de 1999).

O técnico Luís Felipe Scolari, da Sociedade Esportiva Palmeiras, afirmou: ***“Foi uma atitude antiesportiva do jogador, que não precisava agir dessa forma porque o Corinthians seria campeão; se antes eu não queria esse atleta no meu elenco, agora eu quero muito menos”*** (jornal O Estado de S. Paulo, 21 de junho de 1999); e, ao comentar a atitude de Paulo Nunes e Euler, que puseram a faixa de campeão da Taça Libertadores da América após o fim da tumultuada partida, disse: ***“não precisavam fazer isso, porque poderiam provocar ainda mais o adversário”***.

Com muitos torneios e muitos jogos, os atletas não têm mais tempo livre para descansar, para ficar com seus familiares; todo esse estresse fica guardado, e vem à tona sob a forma de violência, na maioria das vezes. Mas este tipo de atitude não pode justificar a brutalidade que ocorre dentro de campo.

Ao tentar explicar a brutalidade entre os jogadores, o comentarista José Trajano, durante o programa da rede Cultura de Televisão *Cartão Verde* (dia 20 de junho de 1999), fez a seguinte afirmação: ***“...a verdade é que todos nós gostamos de ver o circo pegar fogo , de ver umas briguinhas...”*** ; o comentarista esportivo Juca Kfoury, também no programa *Cartão Verde* (20 de junho de 1999), disse que ***“o esporte ensina a saber vencer e a saber perder; mas é mais difícil saber ganhar do que saber perder... está se criando um clima em torno do futebol, um clima de guerra, que não é o clima do futebol...”***.

O que acontece é que a violência é um bom negócio, que rende dinheiro. Muitos estão ganhando dinheiro com a violência, e só o torcedor é prejudicado.

Para o técnico Carlos Alberto Parreira, no programa *Super Técnico*, da rede Bandeirantes, ***“no futebol profissional, em especial aqui no Brasil, você só tem que ganhar, é uma pressão em cima de comissão técnica, clubes, dirigentes, e especialmente em cima dos jogadores, é tanto jogo que isso vai causando um estresse psicológico enorme, que vai se acumulando, e que chega num determinado momento que a coisa explode, e todo esse estresse é colocado para fora de uma forma violenta, explosiva, como nesse clássico entre Corinthians e Palmeiras... para o futebol profissional só vale o resultado, só vale o campeão, o vencedor; quem perde não vale nada, vira pó, não é analisado o trabalho...”***.

Para o comentarista esportivo Armando Nogueira, ***“o jogador brasileiro é o que mais comete faltas numa partida; comparando-se as médias de faltas por jogo, nos jogos dos Campeonatos Paulista e Brasileiro, há um maior número de faltas se comparado aos principais campeonatos europeus, sobretudo com o Campeonato Alemão”*** (O Estado de S. Paulo, 15 de agosto de 1999 – coluna na grande área).

Torna-se inevitável fazer comparações entre os campeonatos, mostrar o quanto nossos jogadores são violentos, em relação, sobretudo, aos torneios europeus, principalmente o Campeonato Alemão, famoso por ser bastante duro e bem disputado, jogada a jogada.

Não há limites para o aumento da rivalidade, o futebol toma um rumo perigoso que coloca em risco os jogadores, técnicos, dirigentes e torcedores. Parece que o que tem faltado é vontade de aplicar as leis .

Durante o programa super técnico, do dia 20 de junho de 1999, da rede Bandeirantes de Televisão, o técnico Oswaldo de Oliveira, do Sport Club Corinthians Paulista, afirmou: ***“Antigamente, os jogos entre Corinthians e Palmeiras não tinham a trajetória que esse jogo teve; hoje (20 de junho), foi o 7º jogo no ano entre Corinthians e Palmeiras, além do mais, tem sempre essa coisa da imprensa colocar mais lenha na fogueira, porque fulano disse isso, que fulano disse aquilo, que vai ter troco nesse jogo, que não vai ter troco no próximo, pergunta dali, pergunta daqui; eu acho que, se a coisa tivesse sido levada, de um jogo para outro, de uma outra forma, esse espetáculo de hoje poderia ter sido evitado, as consequências poderiam ter sido menos drásticas.”***

O jornalista José Geraldo Couto, que escreve às segundas e quartas para o jornal Folha de S. Paulo, afirmou: ***“Edilson fez arte em dois sentidos: exerceu o talento na criação de uma obra artística, e também realizou uma molecagem... sua provocação feriu uma espécie de código de ética implícito entre atletas profissionais... se o Edilson deve ser criticado, é pela falta de sensibilidade de perceber a alta periculosidade de sua brincadeira. Júnior, que o agrediu na sequência do lance, teve uma reação humana, compreensível e perdoável – poderia quando muito receber o cartão amarelo... merece reflexão a comemoração dos atletas palmeirenses quando o árbitro encerrou a partida. Foi uma reação tão espontânea que permite supor que a equipe, não vendo meios de reverter sua desvantagem, estava interessada na confusão. Neste caso, a brincadeira de Edilson teria fornecido apenas o pretexto”*** (jornal Folha de S. Paulo, 21 de junho de 1999). Mas como pode-se “compreender e perdoar” a

agressão, uma atitude violenta do jogador Júnior? Se o atleta praticou um ato violento, ele deve ser punido tanto quanto o Edilson por ter feito a brincadeira.

O presidente da federação paulista de futebol, o senhor Eduardo José Farah, condenou o comportamento do jogador Edilson pelo ocorrido, mas também culpou o Palmeiras: ***“O Edilson provocou, mas o Palmeiras extrapolou. Causaram danos irreparáveis ao Campeonato Paulista. O Palmeiras teve responsabilidade direta na pancadaria que encerrou a partida ; a briga foi pura falta de comando do Palmeiras. Os clubes têm que escolher: com quem quer ganhar tudo, acontece isso aí”*** (jornal Folha de S. Paulo, 21 de junho de 1999).

Essa enorme rivalidade entre Sport Club Corinthians Paulista e Sociedade Esportiva Palmeiras é assimilada pelos jogadores das duas agremiações. Após o jogo entre ambos, no Morumbi, pelo campeonato brasileiro de 1999 (dia 12 de setembro de 1999), o corintiano Rincón, após fazer uma falta no palmeirense Paulo Nunes, cuspiu no atacante palmeirense, alegando que sofreu ofensas morais de cunho racista.

Os jogadores não cansam de dizer que são profissionais, que isso faz parte do futebol; a cada jogo entre S. C. Corinthians P. e S. E. Palmeiras acontece uma briga entre os atletas, que, no calor dessa imensa rivalidade, qualquer lance se transforma num motivo para justificar a violência e a brutalidade dentro de campo, principalmente entre os jogadores.

Capítulo 2

A IMPUNIDADE

No jogo entre Clube de Regatas Vasco da Gama x Paraná Clube, partida realizada no estádio São Januário, Rio de Janeiro, durante o campeonato brasileiro de 1999, o vice-presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama, o deputado federal Eurico Miranda, invadiu o campo, após o árbitro Paulo César de Oliveira expulsar o zagueiro do Clube de Regatas Vasco Da Gama, Mauro Galvão, terceiro jogador do clube a receber cartão vermelho na partida. Houve tumultos e ameaças de agressão ao juiz (Folha de S. Paulo, 20 de setembro de 1999). Este fato é mais um exemplo de se querer ganhar no futebol a todo custo, inclusive ameaçando o árbitro.

Comparando a violência e as punições no futebol brasileiro, fica mais claro o pouco rigor da arbitragem nacional. Na copa do mundo de futebol realizada na França, em 1998, a média de faltas foi de 34 por partida – cerca de 42% menor do que a média do campeonato brasileiro de 1999. Mesmo assim, a média de expulsões na copa do mundo de futebol da França, em 98, ficou em 0,34 por jogo - cerca de 27% menor do que o número do campeonato brasileiro de 1999, com 0,47 expulsões por jogo (Folha de S. Paulo, 20 de agosto de 1999).

O "espírito de várzea", com jogos de baixo nível técnico e brigas em campo, na torcida e nos vestiários, se instalou de vez no campeonato brasileiro de 1999. Na rodada do dia 15 de setembro de 1999, em 7 jogos disputados, ocorreram 8 expulsões e 1,86 gol por partida (13 gols em 7 jogos), recorde negativo do torneio.

Foram aplicados 40 cartões amarelos, 11 apenas no jogo Guarani F. C. x C. R. Vasco da Gama, partida realizada em Campinas. A média de cartão vermelho subiu de 0,47 por jogo para 1,1 por jogo, tornando o campeonato brasileiro de 1999 no mais violento dos últimos 14 anos, com a média de 56,8 faltas por partida.

Nos jogos Clube Atlético Mineiro 1x2 Esporte Clube Vitória (BA), partida realizada em Minas Gerais, e Clube Atlético Paranaense 1x1 Paraná Clube, partida realizada em Curitiba, os jogadores se envolveram em brigas dentro de campo, com a violência e a pobreza técnica das partidas se refletindo na arquibancada.

Já na partida Associação Portuguesa de Desportos 1x2 Santos Futebol Clube, realizada em São Paulo, os torcedores da A. Portuguesa de D. tentaram invadir o vestiário para agredir os jogadores da Portuguesa; na segunda-feira (13 de setembro de 1999), o presidente da Comissão de Arbitragem da CBF, senhor Armando Marques, disse que **“o campeonato não está violento, já que ninguém está machucado.”** (jornal Folha de S. Paulo, 13 de setembro de 1999).

Na partida entre Guarani F. C. 1x0 C. R. Vasco da Gama, o lateral vascaíno Gilberto foi expulso depois de uma entrada extremamente desleal em Marinho, do Guarani F. C.: **“Se ele não tivesse saltado, certamente teria uma lesão no ligamento do joelho; a violência está crescendo e não é coibida”**, disse o fisioterapeuta do Guarani F. C., Cláudio Frias (jornal Folha de S. Paulo, 13 de setembro de 1999).

Comparando-se os campeonatos brasileiros de 1998 e 1999, registra-se um aumento dos jogadores que cometeram mais de 5 faltas por partida: em 1998 cinco jogadores cometeram mais de 5 faltas por jogo, enquanto que, no ano de 1999, 13

jogadores já atingiram esta marca; Jadílson, lateral-esquerdo da Associação Portuguesa de Desportos, até agora é o mais violento do campeonato brasileiro de 1999 (apenas na primeira fase), com média de 8 faltas por partida, batendo o recorde anterior de jogador mais violento, que pertencia ao volante Dário, do Sport Clube do Recife, com média de 6,7 faltas por jogo no campeonato brasileiro de 1996 (Folha de S. Paulo, 20 de agosto de 1999).

No campeonato brasileiro de 1999, pela primeira vez, em 55 torneios acompanhados pelo instituto Datafolha de pesquisa, em 14 anos, a média de faltas por jogo passou da casa de 52.

E, pela primeira vez, em 2.503 partidas analisadas, um jogo registrou mais de cem faltas. A partida entre Associação Atlética Ponte Preta e Guarani Futebol Clube registrou 105 faltas, um jogo 3,5 vezes mais violento que a decisão da copa do mundo de futebol de 1998, com a incrível marca de uma infração a cada 51 segundos. Só o jogador Roberto, da associação Atlética Ponte Preta, fez 10 faltas. Outros 2 jogos do campeonato brasileiro de 1999 estão entre os cinco mais violentos das últimas 14 edições da competição – Coritiba Football Club 2 x 2 Cruzeiro Esporte Clube, partida realizada no Paraná, com 85 faltas, e A. A. Ponte Preta 2 x 0 Grêmio Football Porto Alegrense, partida realizada em Campinas, com 84 faltas, com o campeonato apresentando uma média de 58,4 faltas por partida, 12% a mais que a edição de 1998 e 33% a mais do que a média histórica do torneio. (Folha de S. Paulo, 20 de agosto de 1999). No campeonato paulista de 1999, em 66,6% dos jogos que não terminaram empatados, venceu a equipe que cometeu mais faltas (Folha de S. Paulo, 13 de setembro de 1999).

Capítulo 3

A DESORGANIZAÇÃO DO FUTEBOL BRASILEIRO

O maior indício para o excesso de faltas no campeonato brasileiro de 1999 está no regulamento da competição, que este ano aumentou de 3 para 5 o número de cartões amarelos necessários para que um jogador seja suspenso.

A CBF (Confederação Brasileira de Futebol) tentou, através de uma reunião no dia 26 de agosto de 1999, juntamente com os 22 clubes, tentar modificar este critério, mas a proposta foi rejeitada pelo conselho técnico.

A CBF comunicou, então, que os árbitros poderiam usar o cartão vermelho no lugar do cartão amarelo, só que não teve influência para a redução do número de faltas.

Antes da reunião do torneio, em 66 jogos foram mostrados 25 cartões vermelhos (média de 0,37 por jogo); após a reunião, em apenas 31 jogos, foram mostrados 23 cartões vermelhos (média de 0,74 por partida).

Como se vê, os pedidos e ameaças da CBF funcionaram junto aos árbitros, mas não surtiram efeito a quem mais precisava – os clubes (Folha de S. Paulo, 13 de setembro de 1999).

De acordo com o instituto Datafolha de pesquisa, antes das semifinais do Paulistão-99, dos 30 jogos acompanhados pelo Datafolha que não terminaram empatados, 20 jogos, ou exatos 2/3, tiveram como vencedor a equipe que cometeu mais faltas (jornal Folha de S. Paulo, 31 de maio de 1999).

Segundo pesquisa do Datafolha, publicada pelo jornal Folha de S. Paulo no dia 21 de junho de 1999, nos campeonatos paulistas realizados entre 1995 a 1999, houve um aumento da média de gols – 2,42 (1995) para 3,43 (1999) – como também aumentou, no mesmo período, o número médio de faltas cometidas – de 25 (1995) para 25,2 (1999).

Acrescenta-se a isso a desorganização dos torneios nacionais por dirigentes despreparados, que na maioria das vezes, se utilizam do futebol como um “estágio”, um “trampolim” para uma futura carreira política, ou então, para mostrar seus poderes, ou ainda ajudar alguns clubes em troca de favores, criando fórmulas tão complexas quanto absurdas.

O Campeonato Brasileiro de 1994 teve regulamentos de diferentes competições; dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e dos clubes criaram o mais confuso campeonato dos últimos tempos, resultando numa enorme confusão para os torcedores, pois o regulamento deixou de ser simples.

Tratou-se de um regulamento criado pela CBF e aprovada pelos clubes em votação aberta (revista PLACAR, janeiro de 1995).

Num artigo escrito pelo professor Aldo Fornazieri, do curso de pós-graduação da Escola de Sociologia e Política (ESP), ele diz : “ **No Brasil, as autoridades mostram-se valentes e viris ante os fracos e derrotados, mas covardes e submissas ante os poderosos; a agressão legítima a violência física como forma de resolução de conflitos banais, que podem ser resolvidos ou pela interlocução verbal ou pela interferência das instituições , no caso , o árbitro**

de futebol” (jornal Folha de S. Paulo , 22 de junho de 1999). A violência pode tornar-se uma ferramenta mais eficaz para se vencer.

Esse tipo de revolta pode ser comprovada lendo alguns textos, enviados por leitores, condenando a atitude do jogador Paulo Nunes (textos extraídos da coluna Fórum de Debates do Jornal O estado de S. Paulo dos dias 23, 24, 25, 28 e 30 do mês de junho de 1999 – ver textos no item anexos). Enquanto algumas pessoas estiverem ganhando dinheiro com o futebol, a violência vai continuar rolando solta nos gramados, sem que ninguém possa dar um basta a isso.

O futebol se torna um “negócio”, um “produto”, que apenas divulga as marcas das grandes empresas, onde o que vale é o resultado. Parece que os dirigentes, pelo menos alguns, não estão nem um pouco interessados em coibir a violência praticada dentro de campo. Impõem suas vontades, e culpam os dirigentes dos clubes pela violência praticada pelos jogadores, e ainda punem os clubes que conquistam diversos campeonatos.

Capítulo 4

A VIOLÊNCIA E A ARBITRAGEM

Os árbitros estão mostrando indecisão em campo, usando critérios diferentes para punir um mesmo tipo de jogada violenta, e isso acirra ainda mais os ânimos. Para o presidente do Esporte Clube Vitória, o senhor Paulo Carneiro, cada clube é que deve controlar seus jogadores: ***“alguns querem relacionar o aumento da violência à mudança na regra dos cartões amarelos, mas é uma questão de filosofia do clube; reduzimos as faltas do Vitória com um trabalho de conscientização. Em 11 partidas, tivemos só 2 expulsões e apenas 3 atletas com mais de 3 cartões amarelos.”*** (Folha de S. Paulo, 17 de setembro de 1999).

Durante o intervalo do jogo S. C. Corinthians P. 2x4 C. R. Vasco da Gama, pelo campeonato brasileiro de 1999, no estádio do Pacaembu, dia 22 de setembro de 1999, foi informado pela rede globo de televisão que, nos 119 jogos realizados até o dia 19 de setembro de 1999, foram marcadas 6.659 faltas, e houve, também, uma média de 1 cartão amarelo a cada 17 minutos.

Ainda no intervalo, o comentarista da Rede Globo de televisão, senhor José Roberto Wright, afirmou que ***“o árbitro é quem tem a maior parcela de culpa, por ter a lei nas mãos; a situação se encontra desta maneira por falta de cultura esportiva e por falta de respeito ao companheiro de profissão; a omissão do árbitro permite que o adversário dê o troco, falta autoridade ao árbitro...”*** (comentário feito durante o intervalo do jogo S. C. Corinthians P. 2x4 C. R. Vasco da Gama, transmitido pela rede Globo de televisão, no dia 22 de setembro de 1999).

É uma opinião equilibrada, pois coloca três palavras-chave que contribuem para o aumento da violência dentro do campo: **omissão**, **autoridade** e **respeito**, esta última praticamente extinta no futebol.

Capítulo 5

AS DEFINIÇÕES DE VIOLÊNCIA

o que é violência? Com certeza, a primeira coisa que surge na mente é uma agressão física, um ato físico de se agredir alguém. Mas, na realidade, a violência não é apenas uma agressão física, e sim um item de um conjunto de fatores que tentam explicar a violência.

A palavra violência vem do latim **violentia**, que significa caráter violento ou bravio, força. O verbo **violare** significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a **vis**, que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego da força física, mas também significa quantidade, abundância, essência de uma coisa; mais profundamente, significa a força em ação, o recurso de um corpo para exercer sua força, e portanto, a potência, a força vital (Yves Michaud, 1989).

A passagem do latim para o grego confirma este núcleo de significação: ao **vis** latino, corresponde o **is**, homérico, que significa músculo, ou ainda força, vigor, e se vincula a **bia**, que quer dizer a força vital, do corpo, o emprego da força, a violência. Para onde quer que nos voltemos, encontramos na noção de violência a idéia de uma força, a violência (Yves Michaud, 1989).

Segundo as definições do direito, **a violência é primeiro um dano físico , mas também se refere a normas (no caso as da integridade da pessoa humana), e quando a norma muda não há mais violência – como no caso do esporte** . Como dano físico, a violência é facilmente identificável; como violação de

normas, quase qualquer coisa pode ser considerado uma violência (Yves Michaud, 1989).

A violência pode ser definida como quando, numa situação de interação, um ou vários autores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas, seja em sua integridade moral, suas posses, ou participações simbólicas e culturais. Cada sociedade está às voltas com a sua própria violência, segundo seus próprios critérios, e trata seus problemas com maior ou menor êxito (Yves Michaud, 1989).

Para a etologia, que trata dos costumes, usos e caracteres humanos, estudando os hábitos dos animais e da sua acomodação às condições do ambiente, sugere a importância dos fatores territoriais e ritualização da violência; já a sociologia, que faz um estudo objetivo das relações que se estabelecem, consciente ou inconscientemente, entre pessoas que vivem numa comunidade ou num grupo social ou entre grupos sociais diferentes que vivem no seio de uma sociedade mais ampla, afirma que a violência é muito mais difundida e considerada muito mais normal do que se pensa. A realidade cotidiana da violência difere sensivelmente das representações que fazemos dele e dos discursos ideológicos ou míticos que sustentamos sobre ela.

A psicologia, ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento, ou seja, dos processos mentais ou fenômenos conscientes ou inconscientes de um indivíduo, aponta questões da primeira infância e modelos de socialização; e para a filosofia, que se caracteriza pela intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade, aprendê-la na sua totalidade, diz que as filosofias da violência são

abordagens especulativas, onde as generalizações audaciosas, os mitos e as proclamações definitivas não faltam; contribuem para constituir ou reforçar o mundo das representações que duplica o mundo dentro do qual nós agimos (Yves Michaud, 1989).

Uma das condições básicas da sobrevivência do homem, num mundo naturalmente hostil, foi exatamente a sua capacidade de produzir violência, numa escala desconhecida pelos outros animais. Esta violência que caracteriza o homem histórico não se exercita como uma defesa para sobreviver, mas recobre-se de formas sutis, e se enriquece, perdendo a sua forma natural de defesa, para ser uma decorrência da maneira pela qual o homem passa a organizar sua vida em comum com os outros homens. Na busca de respostas às coisas desconhecidas que interroga, faz delas violências e lhes responde, freqüentemente, com violências (Yves Michaud, 1989).

O ato violento se insinua, com freqüência, como um ato natural, cuja essência passa despercebida; perceber um ato como violência demanda do homem um esforço para superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas .

Pensar no equilíbrio como uma forma de organizar a sociedade anularia todo o esforço do homem em sua tarefa de organizar-se socialmente. A sociedade humana aparece como filha da injustiça e da desigualdade, sem que estas possam ser atribuídas à ação do homem; o ato rotineiro e costumaz da desigualdade, das diferenças entre os homens, permitindo que alguns usufruam à sociedade o que à grande é negado, é uma violência. A naturalidade das desigualdades é uma

condição de estruturas sociais, e a violência da desigualdade aparece em condições históricas específicas e, se se perpetua, é por que essas condições também se perpetuam, mesmo que se modifiquem as suas maneiras de aparecer (Nilo Odalia, 1985).

Em sociedades pequenas e pouco diversificadas – as chamadas sociedades primitivas - a relação entre os homens é direta e imediata; em nossa sociedade nossas relações com outros homens e com a sociedade são cada vez mais distantes e indiretas. Há uma desintegração da sociedade e dos homens, e uma das suas conseqüências é o seu manejo como instrumento de domínio e violência, impondo a ausência de qualquer sentimento de solidariedade: toda violência é social. A violência nos impede não apenas ser o que gostaríamos de ser, mas fundamentalmente de nos realizar como homens (Nilo Odalia, 1985).

Para o homem, o esporte reflete um desejo de domínio, que corresponde a vontade de poder. Constitui um sistema de promoção do próprio eu, utilizando-se de gestos técnicos desportivos que permitem a estruturação da personalidade, e o ser humano acaba sempre buscando nos insetos, nas aves e nos macacos a justificativa para aspectos maus agressivos do comportamento .

Geralmente, considera-se a existência de 3 tipos de fatores que determinam a situação atual :

- a) Mutação no futebol, conseqüência da intervenção do dinheiro;
- b) Influência dos meios de informação sobre as relações entre o futebol como grande espetáculo e violência;

- c) Tipo de comportamento e a sensibilidade própria dos adeptos dos clubes em relação à própria violência e ao significado que esta possui para si próprios (A. Melo de Carvalho, 1985).

O lazer não está aberto às grandes massas, que, por isso, não têm onde praticar o futebol (Roberto Ramos, 1984) .

O aumento da violência no futebol reflete o aumento da pressão que se exerce, cada vez mais intensamente, sobre os jogadores e as equipes, com o objetivo de os levar a ganhar, criando assim um círculo da violência: o sucesso é indispensável quer para a afirmação social, econômica e política dos dirigentes, quer para enfrentar o afastamento dos adeptos quando a equipe perde; mas o êxito em campo exige uma boa equipe e um bom treinador, para que as vitórias surjam a curto prazo; mas bons jogadores e bons técnicos custam dinheiro, e o dinheiro equivale ao sucesso (Gilda Korf Dieguez, 1985).

Por trás de toda a paranóia, bem como de todo o poder, encontra-se uma mesma e profunda tendência: o desejo de afastarmos os outros do caminho, a fim de ser o único. Inúmeros esportes coletivos são disputados em torno de uma bola. E o que é a bola, senão a simbolização da cabeça do adversário ?

Em quase todos os campeonatos de futebol há em disputa um prêmio, que na maioria das vezes é um troféu, uma taça. A conquista de uma taça nada mais é do que uma conquista simbólica: originalmente, era numa taça que os vencedores bebiam o sangue dos vencidos, para assim se apropriarem do espírito dos derrotados, da coragem por eles demonstrada na luta.

A violência nada mais é do que a agressividade mal administrada; todo o ser vivo é dotado de agressividade . A agressividade é algo construtivo, enquanto que a violência está marcada por sua destrutividade intrínseca.

Capítulo 6

A VIOLÊNCIA DOS JOGADORES E OS TORCEDORES

Tendo em vista a natureza violenta do esporte, os torcedores apreciam a bravura exigida dos atletas, que se arriscam a sofrer ferimentos. A força física, a habilidade e a coragem transformam os atletas profissionais em símbolos sexuais masculinos da sociedade, e a emoção e o drama do esporte acarretam a participação ativa dos espectadores, que gritam e aplaudem (Janet Lever, 1991).

Horácio Marana, comentarista esportivo do jornal Correio Popular, afirma: ***“Segundo Paulo Angioni, que é do Palmeiras e também psicólogo, diz que poucos jogadores de futebol ganham altos salários em um país de desempregados, e isso revolta a torcida quando eles não jogam bem; mas essa é apenas uma pressão. A outra é a exposição freqüente nas páginas de jornais e revistas, além de programas de televisão e reportagens”*** (Jornal Correio Popular, 2 de setembro de 1999) .

A afeição e a lealdade desses torcedores convertem o esporte numa vazão emocional genuíno, não havendo nada que se equipare no mundo da diversão adulta (Janet Lever, 1991). No item anexos há diversas opiniões dos torcedores, em sua maioria de corintianos, comentando a atitude do jogador Edilson ao fazer embaixadas. Defendem o ato do jogador, que não foi uma ofensa, que é da essência e da própria plástica do jogo; acusam o técnico do Palmeiras de mandar bater e ao técnico da seleção brasileira, Wanderley Luxemburgo, por desconvocá-lo da seleção. Defendem seus ídolos e seu time de todas as formas, usando até de violência.

Os jogadores de futebol simbolizam o ideal de mobilidade social; fortalecem a fé dos torcedores numa sociedade aberta e proporcionam esperança a milhões de meninos que jogam futebol. Só que, algumas vezes, criam-se atletas que chegam às equipes profissionais sem um mínimo de fundamento, sem responsabilidade e sem preparo psicológico, sem algumas etapas do seu desenvolvimento e, conseqüentemente, sem futuro.

O esporte é a forma recreativa do conflito; atletas e equipes existem apenas para serem rivais: essa é a essência de seu relacionamento. As equipes refletem as características especiais de suas populações de torcedores.

Algumas rivalidades no futebol ilustram este ponto: em Buenos Aires, há uma rivalidade étnica, ou seja, colonizadora entre o **Boca Juniors** (italianos) e o **River Plate** (ingleses e espanhóis); no Rio de Janeiro há uma rivalidade de classes entre o **Flamengo** (trabalhadores) e o **Fluminense** (elite); em Lima, Peru, há uma rivalidade racial entre o **Alianza** (pretos e mestiços) e o **Universidad** (brancos); em Glasgow, Escócia, há uma rivalidade religiosa entre o **Celtic** (católicos romanos) e o **Rangers** (protestantes); em Tel Aviv (Israel), há uma rivalidade política entre o **Hapel** (patrocinado pelo partido trabalhista), e o **Macabi**, patrocinado pelo partido da direita moderada (Gilda Korf Dieguez, 1985). No caso específico do futebol brasileiro, houve um maior desenvolvimento das rivalidades dentro da própria cidade.

A comercialização do futebol de forma acentuada provocou uma profunda alteração no jogo, valorizando as táticas defensivas e o antijogo: deve-se ganhar a qualquer preço, a todo custo, utilizando-se de todos os meios, sobretudo os métodos

ilegais que infringem as regras do futebol. Eis algumas formas de violência esportiva:

- **Determinação do jogo** - vontade de um jogador em enfrentar as dificuldades;
- **Virilidade** - machismo;
- **Poder** - atleta com força, peso e grandeza;
- **Intimidação** - antijogo;
- **Rudeza** - jogador que não mede as consequências de seus atos;
- **Brutalidade** - último nível que a violência pode atingir (A. Melo Carvalho, 1985).

Capítulo 7

TÉCNICOS DE FUTEBOL, ÁRBITROS E IMPRENSA

Enquanto os grandes jogadores servem como heróis da cultura, os técnicos e árbitros, freqüentemente, funcionam como bode expiatórios, unindo os torcedores na ira. Aliás, o árbitro (ou juiz), é a única autoridade, em campo, com poderes que afetam diretamente o resultado de uma partida. Não é por acaso que ele tem o nome de juiz em português (Janet Lever, 1991).

Os treinadores optam por jogadores que correm e marcam, em detrimento dos que são habilidosos, criativos, e que, segundo estes mesmos treinadores, não pensam no futebol coletivo, de marcação.

Os treinadores do futebol brasileiro esquecem que são os jogadores que devem criar alternativas para superar as adversidades das partidas, não o técnico de futebol.

Poucos são aqueles que procuram fazer um trabalho fundamentado no princípio básico do esporte, que é competir com lealdade acima de tudo.

Com essa filosofia de se jogar defensivamente e na retranca, poucos jogadores conseguem se destacar e apresentar um belo futebol: hoje o que vale é vencer, não importando como. Se o atleta não corresponde no campo, é então substituído, primeiro no campo, depois do clube.

Diante de tal cobrança, muitos jogadores tornam-se agressivos, descontando em seus colegas de profissão os problemas que têm no clube. Jogadores, técnicos e dirigentes sofrem com esta pressão, a todo o momento, pois o futebol de hoje só

admite resultados imediatos. Quantos técnicos instruem seus atletas a apelarem para a violência? Quantos mandam praticar o antijogo? É muito difícil um treinador chamar a atenção de um atleta por ter praticado uma jogada desleal.

O futebol é um negócio, que depende cada vez mais dos investimento vindos de fora do círculo do futebol; por isso, grandes clubes dependem desse investimento para ter grandes jogadores, para mobilizar a mídia, ser exibido, garantir as vitórias nos campeonatos, garantir recursos futuros, o retorno dos investimentos aplicados e, principalmente, a sua própria sobrevivência.

Na ânsia de querer noticiar antes de todos, os jornalistas “colam” nos jogadores, tirando-lhes suas privacidades, e de seus familiares; no dia do jogo foi exibida foto dos jogadores Edilson e Paulo Nunes, apresentados como ***“inimigos cordiais, fazendo gestos e expressões como se estivessem lado a lado”*** (jornal Folha de S. Paulo , 20 de junho de 1999).

A imprensa tem colaborado demais com a brutalidade dentro de campo, e não tem assumido sua parcela de culpa; promove a violência entre os jogadores de futebol, como um produto, que vende mais jornais e revistas, e aumenta a audiência dos programas esportivos da televisão.

O aumento de torneios e de partidas também contribui para o aumento da violência entre os jogadores: como exemplo, pode-se citar a S. E. Palmeiras que, só no primeiro semestre de 1999, jogou mais de 50 partidas oficiais por 3 campeonatos oficiais (Campeonato Paulista , Copa do Brasil e Taça Libertadores da América), chegando nas finais do Paulista-99 e da Libertadores da América .

O futebol mistifica a realidade, basta acompanhar o noticiário sobre o futebol: em algumas épocas, como a Copa do Mundo , decisão de campeonatos sul-americanos, campeonato brasileiro e campeonatos regionais, inclusive alguns torneios não-oficiais, o noticiário sobre o futebol supera em muito o noticiário econômico e político, mascarando a realidade nacional (Gilda Korf Dieguez, 1985).

Capítulo 8

O FUTEBOL ALEMÃO NA 2ª GUERRA

Não é apenas o povo brasileiro, em sua maioria, que tem verdadeira paixão pelo futebol. Um estudo feito pelo comentarista esportivo alemão Gerhard Fisher e pelo escritor Ulrich Linder, mostrou detalhes da história do futebol alemão no período de 1933 a 1945 (Hitler's Strikers, 1999, artigo do Caderno 2 do jornal O Estado de S. Paulo, 25 de julho de 1999), narrando como o esporte foi envolvido na ideologia política da época, trabalhando a filosofia nazista sobre o futebol, impedindo que a seleção alemã jogasse contra equipes mais fortes, e Goebbels emitindo um veto contra jogos internacionais, em 1942, explorando o futebol como diversão e espetáculo, que se podia vencer tanto na guerra quanto no campo. Os comentaristas eram incentivados a usar vocabulário militar ao narrar as partidas, e os jogadores obrigados a submeter-se a treinamento militar imposto pelos nazistas. Durante a II Guerra Mundial, no decorrer dos 12 anos do domínio de Adolf Hitler sobre a Alemanha, os nazistas tentaram, desesperadamente, manipular o futebol, para promover sua causa política; Hitler era um líder extremamente astuto, e percebeu que o futebol possuía um poder de atração que, de tão forte, apresentava um enorme potencial para a exploração da propaganda política nazista.

Mesmo não entendendo do esporte, Hitler foi bastante ávido em explorar os aspectos do futebol, que encorajavam a idéia de identidade corporativa, e que também podiam ajudá-lo a consolidar seu poder. Mas a falta de compreensão, tanto dele quanto de seus colaboradores sobre a imprevisibilidade do futebol, colocou-os

numa situação de derrota, como aconteceu numa partida de futebol disputada entre a seleção da Alemanha contra a seleção da Noruega, ocorrida no dia 7 de agosto de 1936 no Post Stadium, em Berlim, com a vitória da seleção da Noruega por 2 a 0. Segundo uma revista da época da seleção nacional de futebol, **Kicker** (jogador de futebol), um estado de espírito de “quarta-feira de cinzas” espalhou-se pelo país, uma tragédia não apenas porque a Alemanha perdera, mas também pelo fato de que o *fuhrer* testemunhara o vergonhoso evento, estando acompanhado de Goebbels, Goering e Hess.

A importância do futebol para o povo alemão era tanta que Joseph Goebbels, responsável pela propaganda política nazista, escreveu em seu diário: ***“Cem mil pessoas deixaram o estádio em um estado depressivo. Vencer uma partida de futebol é mais importante para o povo do que capturar uma cidade em algum lugar do Leste europeu”***. Nos últimos 50 anos a sociedade germânica vem trabalhando arduamente para exorcizar os fantasmas do seu passado nazista, mas o mundo futebolístico continua intocado (O Estado de S. Paulo, 25 de julho de 1999).

Gostaria de terminar o desenvolvimento desta monografia com uma frase de Santo Agostinho: ***“a raiva é um ramo, o ódio é a árvore.”*** Raiva produz mais raiva, e alimenta a violência, tanto nas ruas quanto no esporte profissional (Phil Jackson e Hugh Delehanty, cestas sagradas, 1997).

CONCLUSÃO



O esporte reflete um desejo de domínio, a vontade de se obter o poder; é a estruturação da personalidade, a promoção do próprio “eu”, através dos gestos técnicos desportivos. O esporte sofre uma mutação, uma transformação em consequência da intervenção do dinheiro, mas também da influência dos meios de informação nas relações futebol - espetáculo e futebol - violência.

Dividindo-se o futebol em três meios, podemos citar como cada item contribui com a violência do futebol dentro de campo :

1) **Os protagonistas do futebol**

- a) **jogadores** – não parecem preocupados em combater a violência dentro de campo; muitos atingem o profissionalismo sem condições técnicas, pulando etapas em seu desenvolvimento, são mal orientados, incorporam o espírito do torcedor, cultuando o ódio aos rivais, servem como heróis da cultura, e os atletas mais ricos não estão preocupados com a grande maioria dos jogadores do futebol brasileiro, que sobrevivem em condições precárias.
- b) **técnico** – é o primeiro a ser condenado pelos resultados negativos, impõem jogadores com força física em detrimento dos habilidosos e se utilizam do antijogo; a maioria são ex-jogadores, transmitindo apenas conhecimentos que tiveram quando jogadores de futebol, trabalhando em prol do futebol de resultados.
- c) **árbitros** – funcionam como bode expiatório, unindo os torcedores na ira; autoridade máxima em campo que pode afetar diretamente o resultado de um jogo; cada árbitro apita de um modo, mostrando indecisão e usando critérios diferentes para punir um mesmo tipo de jogada violenta.

2) Agentes influenciadores do futebol

- a) torcedores – tendo em vista a natureza violenta do esporte, os torcedores apreciam a bravura exigida dos atletas, que se arriscam a sofrer ferimentos, são símbolos sexuais da sociedade; a emoção do futebol faz com que a torcida participe ativamente.
- b) dirigentes – muitos usam o futebol apenas para se promoverem; usam meios lícitos ou não para beneficiar seus clubes e jogadores, geram revolta dos torcedores e contribuem para prevalecer a impunidade.
- c) investidores do futebol – exercem enorme pressão nos clubes e jogadores por resultados, transformam o futebol em S. A. .

3) Divulgadores das informações do futebol

- a) imprensa – na busca de informações, a mídia tem invadido a privacidade dos jogadores e de seus familiares, tudo para noticiar em primeira mão; se utilizam de um linguajar bélico nas transmissões futebolísticas, contribuindo para o aumento da rivalidade entre as equipes e entre os jogadores.

Por tudo isso, a violência no futebol, principalmente dentro de campo, é um produto hoje em dia muito valorizado, bastante explorado por todos, e, a exceção dos torcedores, todos estão ganhando com o produto violência.

BIBLIOGRAFIA



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Mário de. futebol: porque foi...porque não é mais. Rio de Janeiro, ed. Sprint, 1990.

CARVALHO, A. Melo. violência no desporto. Lisboa, ed. livros horizonte, 1985

DIEGEZ, Gilda Korf. esporte e poder. Petrópolis, ed. vozes, 1985

HOLANDA, Aurélio Buarque de. dicionário aurélio. São Paulo, ed. nova fronteira, 1988

Jornal CORREIO POPULAR

Jornal FOLHA DE S. PAULO

Jornal O ESTADO DE S. PAULO

JACKSON, Phil & Hugh Delehanty. cestas sagradas: lições espirituais de um guerreiro das quadras. Rio de Janeiro, ed. rocco, 1997

LEVER, Janet. a loucura do futebol. São Paulo, ed. record, 1991

MICHAUD, Yves. a violência. São Paulo, ed. brasiliense, 1989

ODALIA, Nilo. o que é violência. São Paulo, ed. brasiliense, 1985

RAMOS, Roberto. Futebol: ideologia do poder. Petrópolis, ed. vozes, 1984

Revistas PLACAR, 1994, 1995 e 1997

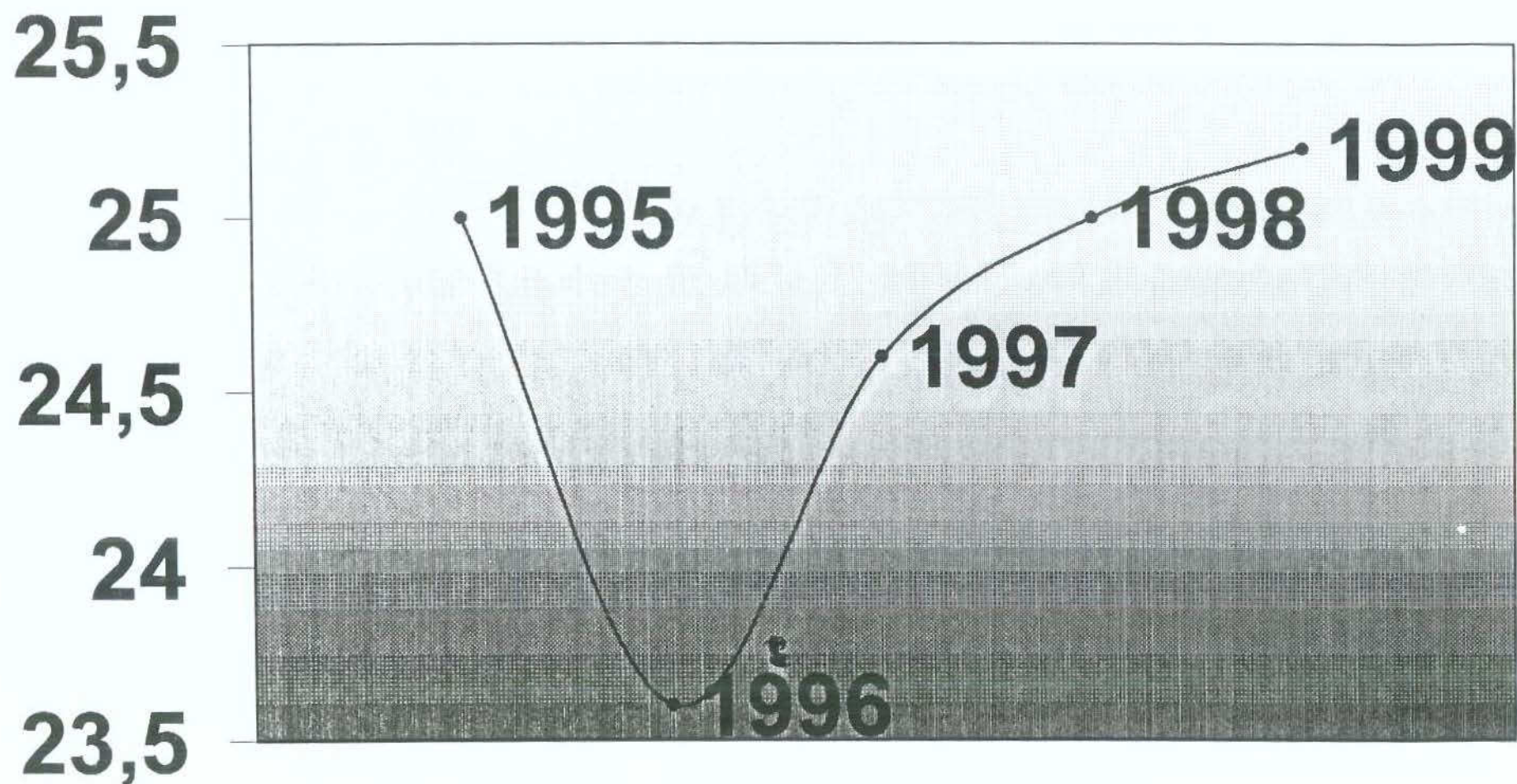
Vários autores. a violência no esporte. São Paulo, imprensa oficial do estado de São Paulo, 1996

ANEXOS



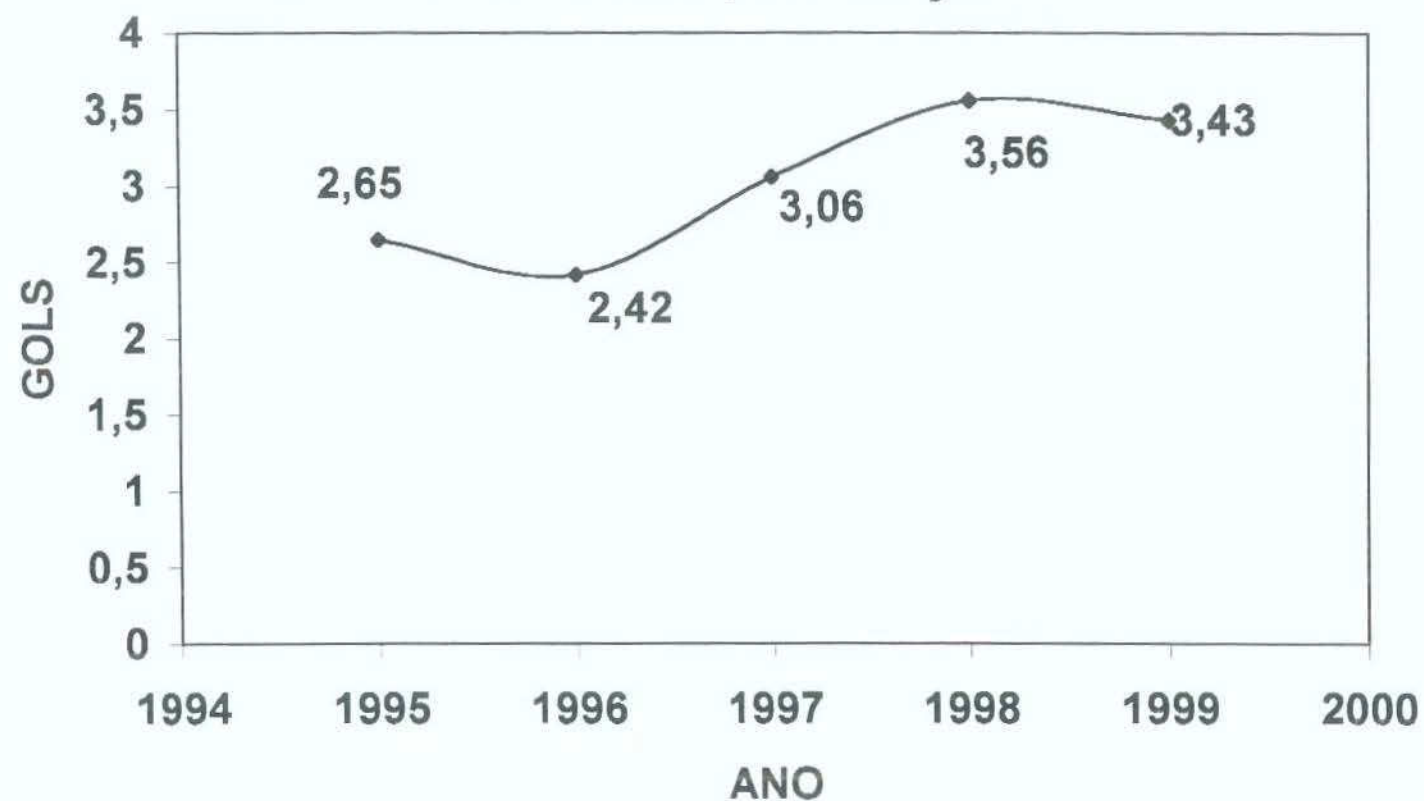
FALTAS COMETIDAS

folha de S. Paulo, 21 de junho de 1999



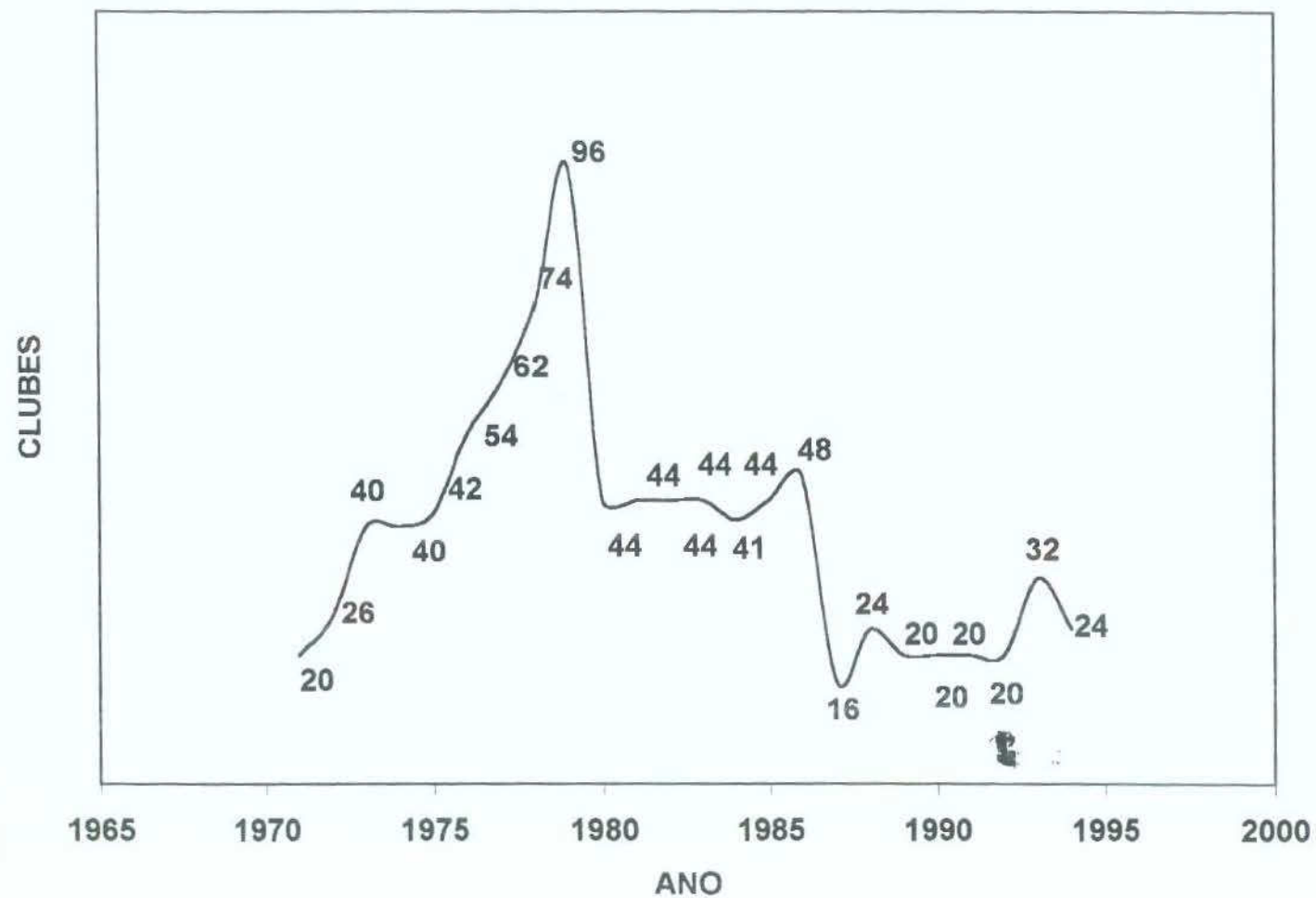
EVOLUÇÃO MÉDIA DE GOLS

Folha de S. Paulo, 21 de junho de 1999

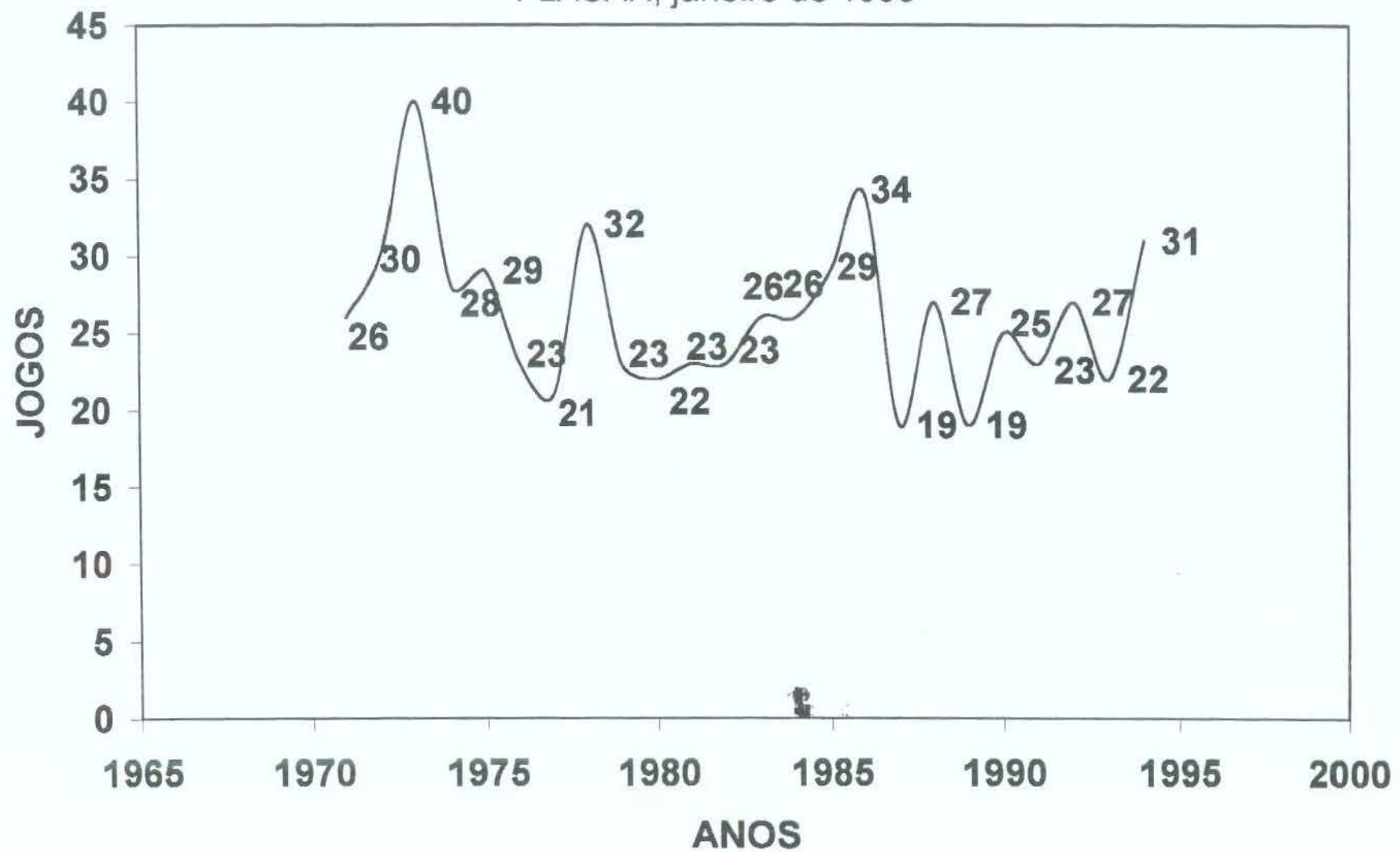


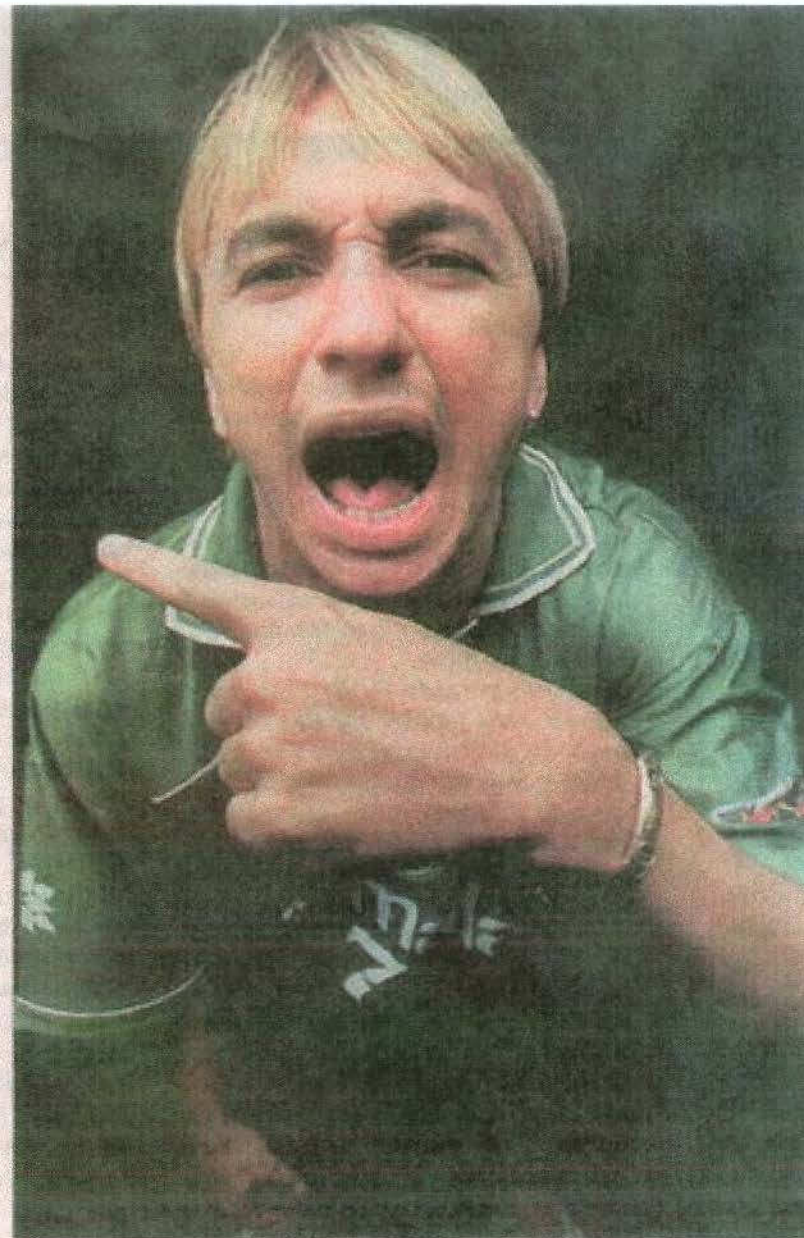
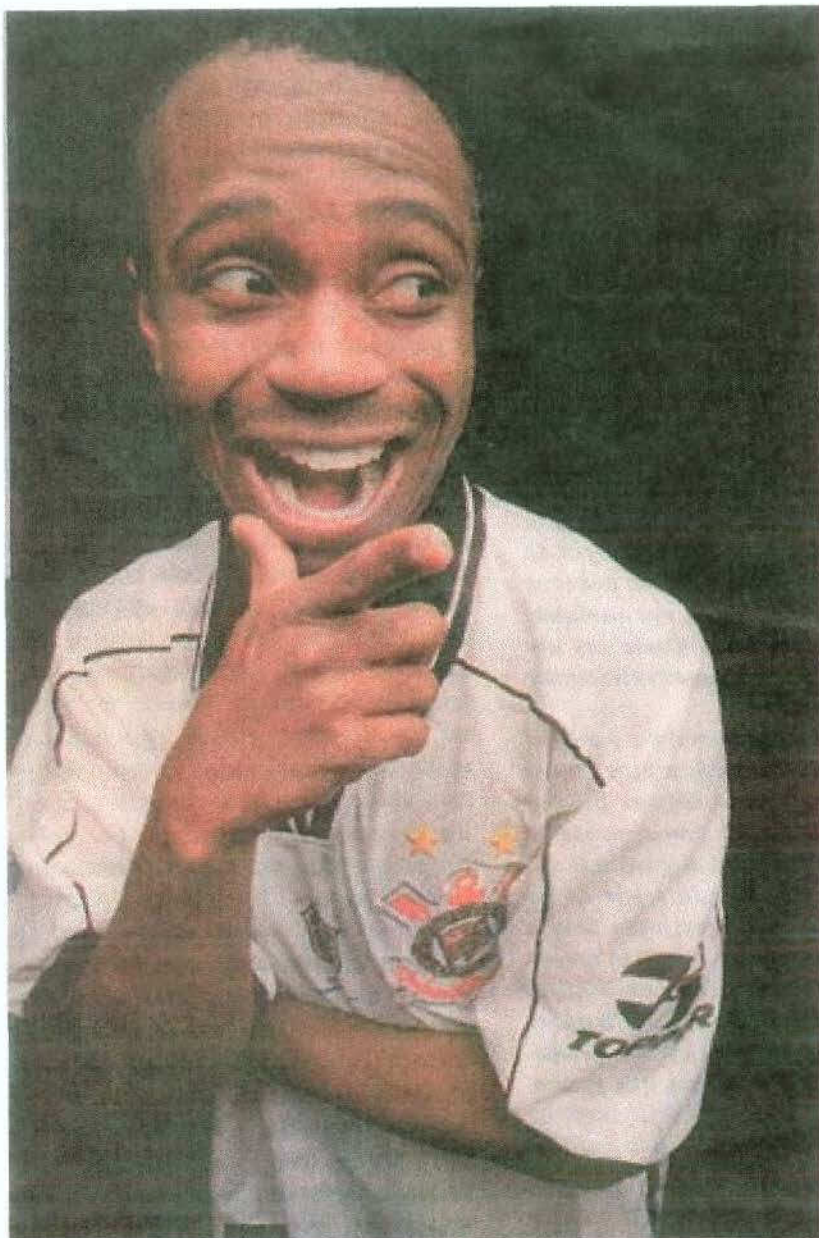
BRASILEIRO - 1971 A 1994

PLACAR, janeiro de 1995



BRASILEIRO / 1971 A 1994
PLACAR, janeiro de 1995





INIMIGOS CORDIAIS Os atacantes Edilson, do Corinthians, e Paulo Nunes, do Palmeiras, que se enfrentam hoje, posam para fotos em seus respectivos centros de treinamento; por sugestão da Folha, eles fizeram gestos e expressões como se estivessem lado a lado

Violência de resultados

PAULO COBOS
da Reportagem Local

Cometer mais faltas do que o adversário é um bom caminho para um time conseguir uma vitória no Campeonato Paulista.

Dos 30 jogos da competição acompanhados pelo Datafolha que não terminaram empatados, 20, ou exatos dois terços, tiveram como vencedor a equipe que cometeu mais infrações.

Essa proporção é menor em outras competições.

No último Torneio Rio-São Paulo, por exemplo, o número de jogos em que o vencedor cometeu mais faltas não passou de 52%.

O caso do Santos, o time mais violento entre os quatro que vão decidir a competição, é o mais exemplar.

Dos oito jogos da equipe que foram acompanhados pelo Datafolha, o time venceu os três em que cometeu mais faltas do que o rival.

Em um desses jogos, quando venceu o Corinthians por 4 a 2, o Santos fez 29 faltas e sofreu apenas 12.

Nas outras cinco partidas, quando foi menos faltoso do que o adversário, o time perdeu três vezes e empatou duas.



O zagueiro já foi expulso três vezes no Campeonato Paulista-99

Briga coroa 'desorganização' do Paulista

da Reportagem Local

A briga generalizada entre os jogadores na final foi o fecho de um Campeonato Paulista marcado pela desorganização e, principalmente, pela manipulação da quantidade de público nos estádios.

Vários fatores serviram para tirar o brilho da competição. Alguns deles estiveram fora da competição. As campanhas do Corinthians e, especialmente, do Palmeiras na Copa do Brasil e na Taça Libertadores da América desviaram as atenções de duas das maiores torcidas do Estado.

Mas a maioria deveu-se mesmo à desorganização do Estadual. O primeiro sinal de fracasso aconteceu antes mesmo do seu início. Um dia antes, apenas 5.000 pessoas compareceram a um show gratuito da

cantora Daniela Mercury no estádio do Pacaembu, na zona central de São Paulo, organizada pela FPF. Nem mesmo o sorteio de 20 carros novos conseguiu atrair um público maior.

Ao contrário dos últimos anos, este Estadual começou sem patrocinador. Para mostrar que sua competição atraía o interesse de empresas, o presidente da FPF, Eduardo José Farah, anunciou o patrocínio da Kaiser antes de fechar o acordo.

A cervejaria, que foi pega de surpresa pelo anúncio, só fechou o negócio 11 dias depois.

Iniciada a competição, Farah decidiu incluir os ingressos comprados pela Kaiser como público no estádio. Pressionado por jornais, que revelaram a farsa, passou a divulgar também o número de torce-

dores presentes e depois acabou com a primeira estratégia.

No final, a meta de público de 18 mil torcedores por jogo não foi atingida nem de longe.

Mas nem assim a polêmica acabou. Com a prioridade dada por Corinthians e Palmeiras a outras competições, esses times começaram a entrar em campo com times reservas. Farah, então, começou a ameaçar de multa (de até R\$ 450 mil por jogo) as equipes que fizessem isso.

No final, teve que acatar a estratégia, exigindo apenas que as próprias equipes não dissessem que consideravam que estavam usando um "misto".

Além de tudo, houve reclamações contra a arbitragem, especialmente da parte da Lusa, que viu ajuda ao Palmeiras.

FOLHA DE S. PAULO 21/JUN/99

Farah sugere recurso contra Júnior Baiano

Para o presidente da FPF, o causador da contusão em de Jajá poderá ser punido, se o Guarani for ao TJD

A sugestão foi dada por Eduardo José Farah, presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF). Marco Polo del Nero, presidente do Tribunal de Justiça Desportiva (TJD), confirmou a possibilidade, mas os dirigentes do Guarani ainda não decidiram o que vão fazer. Se eles quiserem, poderão entrar com uma representação na FPF na tentativa de punir Júnior Baiano. O zagueiro palmeirense, apontado como o culpado pela contusão de Jajá, domingo, em jogo pelo Campeonato Paulista, poderia ficar longe dos gramados pelo mesmo período que Jajá.

Jajá entrou no jogo aos 31 mi-

nutos do segundo tempo. Pouco tempo depois, recebeu uma entrada dura de Júnior Baiano e deixou o campo de maca, chorando e com muitas dores no ombro esquerdo. Como o técnico Estevam Soares já havia feito todas as substituições permitidas, o Guarani acabou o jogo com apenas dez atletas.

Jajá passou por vários exames na manhã de ontem e, conforme garantiu o fisioterapeuta do clube, Cláudio Frias, as radiografias indicaram que não houve fratura. A luxação, porém, vai deixar Jajá afastado pelo menos uma semana dos gramados. Jajá disse, ontem, que houve maldade do zagueiro, que tirou seu pé de apoio quando percebeu que esta-

ATACANTE
DIZ QUE
ZAGUEIRO "FOI
DESLEAL"

va vencido no lance. "O Júnior Baiano foi desleal, ele viu que não ia pegar a bola e deixou o pé no alto propositalmente", disse o atacante, que perdeu o equilíbrio e caiu sobre o ombro.

Amparado pelo regulamento da competição, Farah sugeriu que os dirigentes do Guarani entrassem com uma representação na entidade. O artigo 19 fala sobre punir atletas por "lesão grave causada propositalmente contra companheiros de equipe ou componente de equipe adversária". O caso seria julgado por uma comissão disciplinar, mas não há especificação do período da punição.

"O tribunal solicitaria um vídeo para analisar o lance e

ver se realmente houve a intenção de machucar o adversário", explicou Del Nero. "É muito complicado, no entanto, saber se houve algum dolo na jogada." A opinião do árbitro da partida também seria ouvida. No caso de Júnior Baiano, o atleta recebeu apenas um cartão amarelo.

Apesar de ter reconhecido que o jogador do Palmeiras foi violento no lance, Jajá não defendeu, abertamente, uma punição exemplar a Júnior Baiano, como Farah pôs em discussão. "O meu desejo, agora, é me recuperar e esquecer o lance", disse.

Ontem, a preocupação maior dos dirigentes do Guarani era definir o futuro do técnico Estevam Soares. Depois da derrota por 2 a 1 para o Palmeiras, ele estava correndo o risco de perder o emprego. Na segunda fase do Paulista, o Guarani fez apenas um ponto em três jogos.

EBOL Bate-boca da 1ª final e agouro corintiano sobre rivais causam tensi

Troca de acusações cria clima hostil para clássico

da Reportagem Local
e dos enviados a Atibaia

As confusões ocorridas na primeira final e a torcida dos corintianos pela eliminação dos palmeirenses na Taça Libertadores acirram ainda mais a já enorme rivalidade entre as duas equipes, transformando os preparativos para o jogo de hoje numa batalha verbal.

No clássico de domingo passado, os dois times deixaram o campo trocando farpas.

Os palmeirenses acusavam os rivais de abusarem da violência, por causa de entradas duras de Vampeta sobre Taddei e de Marcelinho sobre Paulo Assunção.

Os corintianos, por sua vez, diziam que o técnico Luiz Felipe Scolari ameaçava mandar seus jogadores baterem na partida de hoje.

pletou Scolari.

O conflito não cessou após o título palmeirense. Ao contrário, alguns jogadores, como o zagueiro Júnior Baiano, ataçaram a rixa.

Ele afirmou que os rivais iriam entregar a faixa de campeão ao Palmeiras e que o clube poderia mandar a campo juniores para enfrentar o Corinthians nesta final, pois os titulares já haviam ganho o que interessava.

O corintiano Dinei rebateu no mesmo tom. "Esse negócio de faixa é para miss. Vamos carimbar a faixa do Palmeiras. Gosto de ganhar deles até na várzea."

O volante colombiano Rincón não escondeu o seu desdém pelo adversário de hoje.

"Quando ganhei o título do Paulista pelo Palmeiras, em 94, não comorei. Identifico-me mais com

No meio da semana, mais provocação. Alguns atletas corintianos, como o atacante Edílson, afirmaram que torceriam contra o Palmeiras na final da Libertadores.

A declaração caiu como uma bomba no grupo de Scolari. A começar pelo próprio técnico, todos ficaram indignados.

Ainda anteontem, o episódio repercutia no treino do Palmeiras.

"Eles falaram coisas erradas. Um jogador profissional não deve desejar o mal para outro. O que o Edílson disse é demagogia barata, não engana ninguém. É como o jogador que viu que a bola já saiu, mas dá um carrinho só para a torcida aplaudir", reagiu o lateral-direito paraguaio Arce.

"Não entendo as atitudes do Edílson. Hoje, ele está bem de vida porque o Palmeiras ajudou", com-

a torcida do Corinthians", disse.

Mesmo após a conquista, os palmeirenses estão "engasgados" com a postura dos adversários.

"Falaram que ainda não tínhamos conquistado nada, mas agora somos campeões da América. E alguns esquecem que tiramos o Corinthians no meio do caminho", alfinetou o meia Alex.

Para evitar maiores problemas, Scolari minimizou as discussões.

"Não podemos levar essa situação para dentro de campo, porque senão será uma briga de foíce. Não temos rivalidade com o Corinthians. Pelo contrário, temos grandes amigos lá, como o Pingo, o Gamarra e o Zé Roberto (Guimarães, diretor de futebol da Corinthians Licenciamento Ltda.)." (FÁBIO VICTOR, FERNANDO MELLO, MAÉRCIO SANTAMARINA e PAULO COBOS)

Atitude de Edílson foi lamentável, diz Oswaldo

Título é motivo de "grande alegria" para o treinador corintiano que agradece a indicação de Luxemburgo

VALÉRIA ZUKERAN

O técnico Oswaldo de Oliveira criticou a atitude do meia Edílson, dando embaxadas logo após o gol de empate do Corinthians, aos 31 minutos do segundo tempo, o que provocou a suspensão antecipada do jogo final do Campeonato Paulista. "Não gostei e já disse isso para ele, que acatou o que falei", disse o treinador corintiano. "Já havia chamado a atenção dele em uma outra ocasião, quando ele fez algo parecido", garantiu. E completou: "Foi lamentável".

O comandante da equipe corintiana prometeu conversar novamente com seu jogador e disse ter ficado decepcionado com o fato da final que marcou seu primeiro título no comando do Alvinegro não ter tido apenas momentos de futebol. Sempre comedido, o técnico definiu a vitória como "motivo de grande alegria", mas quer comemorar o título e deixar para trás os momentos de turbulência quando assumiu o time, enfrentando a insatisfação de alguns de seus reservas.

Oswaldo de Oliveira aproveitou para agradecer Wanderley Luxemburgo, hoje na seleção, que o indicou para assumir como técnico do Corinthians, na ocasião de sua saída para treinar a seleção brasileira. "Foi um homem que acreditou no meu trabalho, que me tirou do anonimato e, sem falsa modéstia, ele acertou." Segundo Oliveira, Luxemburgo fez com que seu nome ficasse em evidência, depois de um trabalho realizado durante muitos anos fora do País.

O treinador deverá continuar no comando do time no Campeonato Brasileiro. As negociações com a Hicks Muse, que administra a equipe, começam esta semana. Oliveira deverá definir mudanças no elenco que perderá jogadores importantes, como o zagueiro Gamarra. Ele não adianta o que pretende fazer, mas garante já ter planos traçados para o segundo semestre. Caso não chegue a um acordo com os dirigentes corintianos, poderá voltar a trabalhar com Luxemburgo, na seleção.

Quanto à partida, Oliveira disse ter ficado satisfeito com o rendimento do time, apesar de admitir momentos de instabilidade. "Isso é normal em um jogo atípico e uma decisão de campeonato é sempre atípica", disse. Segundo o técnico, após o primeiro gol, sua equipe relaxou e permitiu a reação palmeirense, pois havia uma ansiedade muito grande entre seus jogadores para abrir o marcador, o que reduziria sensivelmente as chances do adversário reagir. "Ainda estávamos soltando a tensão após o primeiro gol quando o Palmeiras, que tem atacantes frios, explorou nossa desatenção e soube virar o placar", avaliou. "Mas foi importante o time ter conseguido empatar a partida depois disso."

TÉCNICO
QUER DEFINIR
LOGO FUTURAS
MUDANÇAS

Juiz mostra bom senso ao encerrar o clássico

O jovem Paulo César de Oliveira deu uma lição de arbitragem e bom senso. Ao encerrar o clássico após dez minutos de confusão, impediu que os jogadores proporcionassem novas cenas de violência. Os ânimos estavam exaltados e não havia mais clima para o jogo prosseguir. Restavam ainda 14 minutos.

O árbitro não quis se estender nas explicações. "Encerrei a partida por causa de um conflito generalizado; vou detalhar tudo o que ocorreu no relatório." Paulo César não quis comentar a atitude do corintiano, Edílson. "Não estou aqui para julgar a atitude de ninguém." O juiz de 25 anos expulsou o zagueiro Cléber corretamente. Desde então, não houve mais entradas violentas. (Paulo Guilherme)

Palmeirenses apontam 'falta de profissionalismo'

*Atitude do corintiano
Edílson irritou
principalmente Evair,
Júnior e Paulo Nunes*

ANDERSON COUTO

A provocação do meia Edílson, do Corinthians, irritou profundamente os atletas do Palmeiras. No vestiário, a maioria dos jogadores estava inconformada com a atitude do adversário. "Não havia a necessidade de provocação, pois o Corinthians estava com o jogo na mão e o Palmeiras atuava de forma leal, mesmo em desvantagem numérica", afirmou o atacante Evair, um dos mais exaltados do Alviverde.

Em campo, Evair precisou ser contido pelos companheiros para não agredir Edílson. "Foi uma total falta de respeito profissional." O atacante do Palmeiras foi a grande surpresa da final. Escalado pelo técnico Luiz Felipe Scolari na última hora, recebeu a faixa de capitão e ainda foi o autor dos dois gols da equipe. Evair conseguiu participar

da decisão após uma manobra da diretoria do clube com a Federação Paulista de Futebol (FPF), que converteu uma punição ao atleta em multa de R\$ 1 mil. Evair fora expulso na primeira partida, domingo passado.

Seu companheiro de ataque, Paulo Nunes, também estava revoltado com Edílson. "Não sei como o Luxemburgo (Wanderley) pode convocar um jogador deste tipo para a seleção; ele não tem um comportamento de homem", disse o atacante. "O Edílson teve uma atitude irresponsável."

No meio da confusão, Paulo Nunes chegou a desfilhar pelo campo com a faixa de campeão da Taça Libertadores da América. "Vamos para Tóquio e merecemos respeito." Ainda em campo, Paulo Nunes até ameaçou pegar Edílson fora do estádio.

O atacante palmeirense teve o apoio do lateral Júnior, um dos briguentos. "Depois de uma go-

zação de mau gosto, o jogador não tem como segurar os nervos", declarou o lateral-esquerdo. "Por mais que você queira respeitar o colega de profissão, chega uma hora que você perde a cabeça."

Para o goleiro Marcos, a atitude de Edílson apenas contribuiu para estragar a festa corintiana.

"Eles estavam jogando bem, conseguiram o empate e podiam até vencer o Palmeiras", analisou. "Esta palhaçada do Edílson só serviu para prejudicar a conquista do Corinthians."

PRESIDENTE
PREFERIU
CRITICAR A
ARBITRAGEM

O presidente do Palmeiras, Mustaphá Contursi, preferiu poupar o meia corintiano para criticar o trabalho do juiz Paulo César de Oliveira. "Mais uma vez o Palmeiras foi operado pela arbitragem", lamentou o dirigente.

Os jogadores ganharam folga a partir de hoje e se reapresentarão no dia 5, às 9 horas, na Academia de Futebol.

Atacante estraga a festa, mas não se arrepende

*Corintianos deixam o
vestiário rapidamente;
"Eles provocaram o tempo
todo", diz Edílson*

EMERSON COUTO

O atacante Edílson não apenas acabou com o jogo, como também acabou com a festa corintiana após a conquista do 23.º título paulista da história do clube. No vestiário, após a partida, muitos discursos de vergonha com a atitude do jogador, atletas deixando o local rapidamente e pouca festa.

O diretor de Futebol do clube, José Roberto Guimarães, em sua primeira conquista, deixou o Morumbi sem um sorriso no rosto, visivelmente aborrecido.

Às 18h30, Edílson saiu do vestiário, cercado de seguranças, mas nem um pouco arrependido com a provocação aos adversários. "Eles (palmeirenses) ficaram provocando o tempo todo e, depois, não agüentaram", disse o jogador. Edílson contou ainda que também ficou aborrecido com o desfecho da competição e não espera re-

taliações do técnico da seleção brasileira, Wanderley Luxemburgo. "Não vejo motivo para uma desconvocação", afirmou. Edílson vai disputar a Copa América.

Em Salvador, a mãe do atleta, Maria de Lurdes, isentou o filho campeão de qualquer culpa. "Foi uma brincadeira; faz parte do futebol", defendeu. Segundo a mãe, Edílson é uma pessoa boa. "Ele não tem maldade no coração." Além do título conquistado, Edílson tinha outro motivo para celebrar ontem. Ele fez sua 100.ª partida com a camisa alvinegra.

Depois da confusão, a marca histórica ficou esquecida.

"O Edílson deveria estar engasgado com alguma coisa", tentou justificar Marcelinho Carioca. Mesmo assim, o atleta, que abriu o placar ontem, disse estar "envergonhado" com a situação. Durante a briga, Marcelinho assistiu a tudo de longe. "Isso é prova de que amadureci", afirmou. "Geral-

mente, quando eu entro, a confusão fica ainda maior." Marcelinho foi o artilheiro da equipe na competição com oito gols. Ontem, fez o 150.º gol a camisa do Corinthians.

Gamarra - "Os palmeirenses colocaram máscara da Tiazinha e, agora, não sabem perder", disse Gamarra. "Tem de deixá-los chorar." No vestiário, o zagueiro paraguaio protagonizou um dos momentos de maior alegria, ao ser aplaudido na saída. Em campo, a torcida pediu a permanência do zagueiro

MARCELINHO
NÃO ENTROU NA
BRIGA: "PROVA
QUE AMADURECI"

no clube no próximo semestre.

O presidente Alberto Dualib, no entanto, tirou as esperanças do torcedor. "Cobrimos uma oferta feita pelo seu passe, mas não houve acerto salarial", explicou o dirigente. Gamarra vai mesmo atuar no exterior. Depois da partida, os jogadores foram dispensados e terão, agora, dez dias de folga. A reapresentação está marcada para o dia 1.º.

Confusão no Morumbi deixa Scolari triste e envergonhado

Edílson era alvo de revolta:

"Se antes eu não queria esse atleta no meu elenco, agora quero muito menos"

DINOEL MARCOS DE ABREU

O técnico Luiz Felipe Scolari, do Palmeiras, afirmou que ficou envergonhado e triste com a confusão que ocorreu ontem, no Morumbi. A revolta do treinador foi contra o atacante Edílson, que provocou os jogadores do Alverde, dando início à briga generalizada em campo aos 31 minutos do segundo tempo.

"Foi uma atitude antiesportiva do jogador, que não precisava agir dessa forma porque o Corinthians seria campeão", afirmou Scolari, ressaltando que jamais trabalhará com Edílson. "Se antes eu não queria esse atleta no meu elenco, agora quero muito menos."

O treinador enalteceu o espírito de luta do Palmeiras, que a partir dos 22 minutos do primeiro tempo, com a expulsão de Cléber, atuou com um jogador a menos. "Minha equipe lutou muito e vinha jogando com respeito ao adversário até o início da confusão", afirmou o treinador, que também não aprovou a atitude de Paulo Nunes e Euler, que puseram a faixa de campeões da Libertadores da América depois de o juiz Paulo César de Oliveira ter anunciado o encerramento do jogo. "Não precisavam fazer isso, porque poderia provocar ainda mais o adversário", disse. "Todo mundo já sabe que o Palmeiras é o campeão da Libertadores."

No fim do primeiro tempo, Scolari foi para o vestiário revoltado com o juiz Paulo César de Oliveira. O técnico do Palmeiras não se conformou com a expulsão do zagueiro Cléber, aos 22 minutos de jogo, depois de fazer

falta em Marcelinho Carioca. "Contra nós, o juiz é muito rigoroso", queixou-se. "O Cléber não tinha cartão amarelo e foi expulso direto, mas o juiz não viu a cotovelada de Rincón em Paulo Nunes e não deu um pênalti a favor do Palmeiras."

Para Scolari, a expulsão complicou a situação do Palmeiras. Com a necessidade de vencer por três gols de diferença, o treinador disse que teve seu esquema prejudicado ao ser obrigado, aos 24 minutos, a tirar o meia Alex e pôr o zagueiro reserva Agnaldo para recompor a defesa. Pouco antes do fim do primeiro tempo, Agnaldo machucou-se e teve de sair. No seu lugar, o técnico improvisou o volante Galeano, desperdiçando duas substituições na mesma posição.

Futuro - Scolari vai hoje para o Sul, enquanto os jogadores têm folga até o dia 4.

ARBITRAGEM TAMBÉM MERECEU CRÍTICAS

O treinador deverá retornar a São Paulo nos próximos dias, para participar de uma reunião com as diretorias do Palmeiras e da Parmalat. Além de acertar definitivamente a renovação de seu contrato, o técnico vai propor algumas contratações para o segundo semestre e acertar os primeiros detalhes da viagem do Palmeiras para o Japão, em novembro, onde o time disputará o Mundial Interclubes contra o Manchester United, da Inglaterra.

Nos próximos dias, o treinador será submetido a uma cirurgia no nariz, fraturado na época em que ainda jogava. Por causa do problema, Scolari sofre com crises de sinusite. A cirurgia deveria ter ocorrido no mês passado, mas o técnico preferiu adiá-la em razão da participação do Palmeiras na Libertadores, Copa do Brasil e Campeonato Paulista.

Edílson faz embaixada, e campo vira ringue

da Reportagem Local

Eram 30min do segundo tempo, e o Corinthians acabara de empatar o jogo. Na lateral do campo, próximo ao banco do Corinthians, o atacante Edílson, marcado à distância pelo palmeirense Júnior, começa a fazer embaixadas.

Após controlar por alguns segundos a bola, ele a coloca nas costas, como se estivesse brincando. Transtornado com a provocação, Júnior parte para cima de Edílson. Na sequência, dois outros palmeirenses, Paulo Nunes e Zinho, fazem o mesmo, acucando e atingindo Edílson, que reage com chutes.

A partir desse momento, o gramado do Morumbi transformou-se num ringue de luta livre.

Paulo Nunes tenta agredir Edílson e corre. O corintiano responde com um chute que derruba o atacante palmeirense no chão.

Integrantes da comissão técnica —massagistas, médicos, preparadores físicos— das duas equipes envolvem-se na mais violenta pancadaria envolvendo jogadores no futebol paulista nos últimos anos.

Edílson, alvo da ira dos adversários, corre para se refugiar nos vestiários, escoltado pelo preparador de goleiros Paulo César Gusmão.

O técnico do Corinthians, Oswaldo de Oliveira, fica sem saber o que fazer. Inicialmente, diz que vai manter Edílson em campo. Instantes depois, vendo a proporção que a confusão tomara, muda de idéia e diz que vai substituir o atacante.

Mas antes que ele possa fazer qualquer coisa, após dez minutos de tumulto, o árbitro Paulo César de Oliveira, alegando falta de segurança, resolve encerrar o jogo.

A tensão que deflagrou a briga já existia antes do início do jogo.

Na primeira final, quase houve briga em campo. Os palmeirenses acusavam os corintianos de terem sido violentos durante o jogo.

Marcelinho afirmou que ouviu de Luiz Felipe Scolari a ameaça de que o técnico mandaria seus jogadores baterem no jogo de hoje.

Para piorar a situação, no meio da semana Edílson disse que torceria contra o Palmeiras na decisão da Libertadores, o que irritou ainda mais os palmeirenses.

“O Edílson já vinha tumultuando havia muito tempo”, afirmou o lateral Júnior. “Ele deve estar assim porque não venceu a Libertadores. Deve estar com ciúme”, disse o palmeirense Galeano. (FABIO VICTOR, FERNANDO MELLO, MAÉRCIO SANTAMARINA e RODRIGO BUENO)

Palmeiras se diz humilhado

FOLHA DE
S. PAULO
JUN 99

da Reportagem Local

Menosprezo e humilhação foram as palavras mais usadas no vestiário do Palmeiras após o fim da partida. Revoltados com a conduta do corintiano Edílson, os palmeirenses afirmaram que a briga ofuscou o título conquistado pelos rivais.

Para os palmeirenses, a principal razão da briga foi o despeito dos adversários pela conquista da Libertadores. "Eles estão engasgados porque ganhamos a Libertadores. Que esperem até o ano que vem", declarou o técnico do Palmeiras, Luiz Felipe Scolari.

Minutos depois da confusão, ainda dentro de campo, o goleiro Marcos menosprezou a conquista corintiana. "Não temos culpa de sermos os melhores da América. Deixa o Paulistinha para eles, que é

o que eles merecem."

No vestiário, voltou a atacar os rivais. "Se ele (Edílson) fizesse isso na minha frente, daria um bico nele que iria fazê-lo parar na lua. Sabia que o Corinthians iria arrumar confusão. Mas isso só ofuscou o brilho da conquista deles."

O lateral Júnior, que foi o primeiro palmeirense a tentar agredir Edílson, disse que entrou no adversário para "quebrar mesmo". "Ele não teve uma postura de homem. Entrei duro, para tentar quebrá-lo. Ele nos humilhou e isso não se faz. Não o perdoo."

Scolari também se mostrou irritação com a atitude do atacante corintiano. "Graças a Deus nunca tive o desprazer de dirigir esse moleque na minha vida. Não sei se o cortaria, porque não sou o técnico da seleção." (FM e FV)

Farah ve danos irreparáveis

da Reportagem Local

O presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF), Eduardo de Siqueira Farah, mostrou total descontentamento com a confusão de ontem na decisão do Paulista — pela primeira vez, uma final do campeonato acabou antes do tempo regulamentar.

"Eu saio muito desgastado com o campeonato. Estou enojado, aborrecido. Vou repensar minha posição no futebol", disse.

Farah condenou o comportamento de Edílson pelo ocorrido, mas culpou também o Palmeiras.

"O Edílson provocou, mas o Palmeiras extrapolou. Causaram danos irreparáveis ao Campeonato Paulista", disse.

O dirigente disse que vai esperar o julgamento do Tribunal de Justiça Desportiva da FPF para punir responsáveis pelo conflito.

"No campo técnico, o campeonato está resolvido. Na parte disciplinar, vamos aguardar a decisão do tribunal", disse.

Marco Polo del Nero, presidente do TJD da FPF, disse que Edílson pode ser punido, mesmo com o campeonato encerrado.

"Foi uma atitude antiesportiva. Isso pode dar uma punição de um a quatro jogos. Vamos tomar todas as decisões com base na súmula de jogo", disse ele.

Farah, que no início do ano cegou ao concorrer à presidência da CBF, elogiou ontem o Estadual do Rio. "Eles estão de parabéns."

Apesar disso, o dirigente, que organiza nesta semana a festa de encerramento do Paulista, gostou de seu campeonato.

"Para o Campeonato Paulista dou nota dez, mas, para a final, dou nota quatro", disse.

Atacante diz não se arrepender

da Reportagem Local

O atacante Edílson afirmou que não estava arrependido de ter provocado os jogadores do Palmeiras ontem. Segundo ele, "os palmeirenses não souberam aguentar a provocação".

Essas foram as únicas declarações do jogador do Corinthians, que deixou o Morumbi acompanhado por 7 dos 12 seguranças que o Corinthians levou para o estádio.

O técnico Oswaldo de Oliveira disse que já tinha chamado a atenção de Edílson em outra partida por atitude semelhante. "Condenei totalmente o que ele fez, e já falei isso para ele", disse.

Os jogadores do Corinthians, com exceção do meia-atacante Marcelinho, que disse achar que Edílson apenas respondeu a uma

outra provocação anterior, condenaram a provocação.

"O Edílson está errado. Ele não deveria ter feito o que fez", afirmou o meia Ricardinho.

"São muitas as provocações em um clássico, ainda mais contra o Palmeiras, mas o jogador tem que ser ponderado. Cabe a nós, que somos profissionais, ter equilíbrio."

O zagueiro Nenê disse que previu a confusão quando Edílson começou a fazer embaixadas após o gol de empate do Corinthians. "Como ele já tinha feito isso, e já tinha saído de confusão, na mesma hora imaginei que ocorreria algo ruim."

O volante Vampeta disse que os ânimos já estavam acirrados antes da partida. "A rivalidade é muito grande, e qualquer coisa que se fizesse poderia provocar o que aconteceu."

Confusão acaba sem expulsos

da Reportagem Local

O árbitro Paulo César de Oliveira disse que não expulsou ninguém após a confusão de ontem.

"O jogo foi interrompido aos 31min do segundo tempo por tumulto generalizado. Vou entregar amanhã (hoje) a súmula da partida à Federação Paulista de Futebol. Não preciso falar à imprensa o que está na súmula. Se a FPF quiser, di-

O juiz não quis comentar a atitude de Edílson. "Não vou falar sobre o que jogadores fizeram."

A arbitragem voltou a ser criticada na decisão. As críticas maiores ao trabalho do juiz Paulo César de Oliveira (que, com 25 anos, é o mais jovem brasileiro do quadro de árbitros da Fifa) foram feitas pelo técnico Luiz Felipe Scolari.

"São dois pesos e duas medidas", disse o técnico, que entendeu que o juiz atuou com rigor ao expulsar Cléber, que não tinha recebido cartão amarelo, mas foi brando ao ignorar as cotoveladas de Rincón.

"Ele (Rincón) usa o cotovelo toda hora", disse o treinador.

As reclamações ostensivas de Scolari no intervalo surtiram efeito. Logo no início da segunda etapa, o volante corintiano foi advertido com o cartão amarelo, sem um grande motivo aparente.

No primeiro jogo da final, os palmeirenses responsabilizaram o árbitro Oscar Roberto Godoi, especialmente, pela derrota de 3 a 0 para o rival. O juiz foi acusado de ter xingado jogadores do Palmeiras, de ter marcado um pênalti duvidoso, de usar critérios diferentes ao dar cartões e de estender o jogo.

Segundo os palmeirenses, Godoi teria atuado assim em revolta por

FUTEBOL *Presidente do clube reclama contra "operações"*

Palmeiras culpa juízes no Paulista

da Reportagem Local

O Palmeiras deixou o Paulista-99 culpando as arbitragens pela sua eliminação do torneio.

O presidente do clube, Mustafá Contursi, declarou que o time foi "operado" pelas arbitragens durante a competição e entrou em divergência com o presidente da FPF, Eduardo José Farah.

Irritado com o desfecho do principal torneio organizado pela entidade, Farah afirmou que o Palmeiras teve responsabilidade direta na pancadaria que encerrou a partida.

"A briga foi pura falta de comando do Palmeiras. Os clubes têm que escolher. Com quem quer ganhar tudo, acontece isso aí", disse Farah, que confirmou ontem a multa de R\$ 750 mil ao clube pela escalção de um time reserva no primeiro jogo da final.

Normalmente recluso, o presidente palmeirense esteve ontem nos vestiários do time, onde rebateu Farah e se queixou de suposta perseguição ao clube.

"Não sei se é algo que parte da Federação, mas o fato é que, no Campeonato Paulista, o Palmeiras vem sendo 'operado' em todos os seus órgãos desde aquele jogo contra a Lusa (pela segunda fase)", afirmou Contursi.

"A verdade é que, desde aquela arbitragem do Castrilli (pelo Paulista-98, em que o árbitro argentino Javier Castrilli prejudicou a Lusa em partida decisiva contra o Corinthians), a gente tem que ficar com uma pulga atrás da orelha com relação ao nosso adversário de hoje (ontem)", alfinetou.

Sobre a declaração de Farah, Contursi disse: "O Palmeiras está sob o meu comando há sete anos, e sempre encaramos as derrotas com tranquilidade e sem perder o controle. É esse comando se traduziu em meu apoio ao Farah e em diversas outras conquistas, com a da Copa-94 (Contursi chefiou a delegação brasileira no Mundial)".

Quem ficou mais irritado foi o diretor de futebol palmeirense, Sebastião Lapolla. "Quero que ele fale pessoalmente, na minha cara, que nós não temos comando."

Scolari engrossou as queixas palmeirenses em relação às arbitragens. "Alguns exageros aconteceram em relação ao Palmeiras. O lance do Vampeta (uma entrada violenta do volante corintiano na primeira final) era para expulsão, mas ele não foi expulso. Só que o Cléber foi. A filosofia das arbitragens no Paulista foi: 'Na dúvida, nunca para o Palmeiras'", reclamou o treinador palmeirense.

O contrato de Scolari com o Palmeiras se encerrou ontem, mas deverá ser renovado em uma reunião entre Contursi e o diretor da Parmalat para o clube, Paulo Angioni, a ser realizada hoje ou amanhã.

O técnico desprezou propostas mais vantajosas financeiramente de clubes estrangeiros e se dispôs a continuar no clube sem receber reajuste salarial.

Embora diga que vai esperar uma resposta do Palmeiras, Scolari não esconde que sua permanência é certa. (FÁBIO VICTOR E FERNANDO MELLO)

Contra a condenação sumária de Edílson

JOSÉ GERALDO COUTO
da Equipe de Articulistas

Para o bem ou para o mal, a partida inacabada de ontem, no Morumbi, vai ficar para a história. Palmeiras e Corinthians, dois dos melhores times do Brasil, senão os dois melhores, mostraram como é frágil o equilíbrio psicológico de um jogador profissional, sobretudo em situações de alta tensão como essa final entre equipes arqui-rivais.

Enquanto escrevo estas linhas não sei se o quebra-pau em campo se espalhou para as ruas da cidade. Espero, obviamente, que não.

As emissoras de TV que transmitiram a partida condenaram, em uníssono, a brincadeira de Edílson que desencadeou a fúria alviverde. Galvão Bueno chegou a dizer que Luxemburgo "pode até rever sua convocação para a seleção".

sua condenação sumária pela mídia, que, aliás, acirrou o quanto pôde a rivalidade.

Até porque é um absurdo considerar uma bela "embaixada" mais grave que uma botinada no joelho do adversário. Se Edílson tivesse dado uma cotovelada, ou chutado o tornozelo de alguém, talvez a condenação não fosse tão implacável. Não vivemos, de fato, no melhor dos mundos.

Merece reflexão, além disso, a comemoração dos jogadores palmeirenses quando souberam que o juiz encerrara a partida. Foi uma reação tão espontânea que permite supor que a equipe, não vendo meios de reverter sua desvantagem, estava interessada na confusão. Nesse caso, a brincadeira de Edílson teria fornecido apenas o pretexto.

Em todo caso, se Edílson deve ser criticado, é pela falta de sensibilidade de perceber a alta

A questão, entretanto, é complexa. No melhor dos mundos, Edílson teria todo o direito de fazer o que fez: não cometeu nenhuma infração, não agrediu ninguém, apenas exibiu sua arte.

O adversário, sentindo-se ofendido, deveria responder com as mesmas armas, ou seja, com gols, dribles, chapéus, o que fosse, mas "na bola". A guerra, nesse caso, permaneceria na esfera do simbólico, sem se tornar agressão literal.

Mas não vivemos no melhor dos mundos. Não por acaso, a expressão "fazer arte" tem duplo sentido: no pólo positivo, significa exercer o talento na criação de uma obra artística; no negativo, pode significar a realização de uma molecagem.

Edílson "fez arte" nos dois sentidos. Sua provocação feriu uma espécie de código de ética implícito entre atletas profissionais. Mas não concordo com

periculosidade de sua brincadeira. Júnior, que o agrediu na sequência do lance, teve uma reação humana, compreensível e perdoável (poderia quando muito levar o amarelo).

Se a coisa parasse aí, o ponderado Oswaldo Oliveira certamente sacaria de campo o atacante corintiano para evitar problemas, e o jogo iria até o final. O que entornou mesmo o caldo foi a atitude de Paulo Nunes, que partiu para a agressão a Edílson.

A confusão toda não tirou o mérito da conquista do Corinthians (ontem superior ao rival), e muito menos da homenagem da Fiel a Gamarra, aos gritos de "Fica, fica". Se ele vai ficar ou não, é outra história, mas que seu coração deve ter balançado, isso deve.

E-mail jgcouto@uol.com.br

José Geraldo Couto escreve às segundas e aos sábados

Edílson, a violência e a responsabilidade

A atitude do jogador Edílson na final do Campeonato Paulista não se justifica. Tratou-se de uma provocação antidesportiva que merecia ser punida com a expulsão. Em linguagem popular, o jogador corintiano fez uma "molecagem". Em si, o ato não infringiu nenhuma regra do futebol.

Condenável é a inconveniência da atitude mesma. Os malabarismos de Edílson com a bola, porém, não suscitariam maiores consequências sociais na medida em que eles se circunscrevem ao âmbito de uma quebra de decoro esportivo.

Eles têm de ser compreendidos também como desdobramento de uma escalada de incitações e provocações. Outros jogadores - famosos, aliás -, em períodos remotos e recentes, praticaram atos similares aos de Edílson e nem por isso provocaram uma batalha campal.

O grave da situação toda é que a provocação do jogador desencadeou um processo de irracionalidades que, por um lado, revela a vigência de um sistema de valores deturpado na sociedade e, por outro, reforça a cultura da violência e um comportamento ao segundo normas. O primeiro ato de irracionalidade foi pra-

ticado por aqueles jogadores do Palmeiras que partiram para a agressão. O uso da violência física representa a explicitação de um instinto natural imediato que se propõe a resolver conflitos sem que se leve em conta a mediação de regras e normas ou a interferência das instituições. Num jogo de futebol, além de existirem regras, há também a mediação institucional configurada no juiz. A atitude racional é civilizada que estava ao alcance dos jogadores do Palmeiras era a de

recorrer à intervenção do juiz para exigir uma punição pela atitude provocativa de Edílson.

De qualquer forma, não há nenhuma correspondência entre a irreverência do corintiano e a reação desmedida dos palmeirenses. A agressão a Edílson sinaliza para a sociedade, tanto em termos de exemplo quanto de simbologia, algo muito mais recriminável do que a simples atitude antidesportiva.

Ou seja, a agressão, em primeiro lugar, legitima a violência física como forma de resolução de conflitos banais, que podem ser resolvidos ou pela interlocução verbal ou pela interferência das instituições, no caso, o juiz.

Resolver conflitos pela violência sem levar em conta as nor-

mas e as instituições significa apostar na guerra de todos contra todos, na lei do mais forte e na selvageria social.

Guardadas as diferenças, a violência dos jogadores do Palmeiras tem correspondência na violência que é praticada na sociedade. As estatísticas indicam que mais de 50% dos crimes que ocorrem com armas de fogo são motivados por discussões banais. Leve-se em conta, por exemplo, que uma simples discussão de bar, a partir de uma brincadeira qualquer, vem provocando uma reação armada por parte daquele que se sente ofendido, ceifando a vida do provocador. O mesmo vem ocorrendo entre jovens que se matam por simples desavenças. O que quero dizer é que a atitude de Edílson é condenável sob todos os aspectos. Mas mais condenável ainda é a agressão desencadeada por alguns jogadores do Palmeiras. O recurso à violência para fazer frente a atos ou provocações banais representa um retrocesso da ordem civilizada e normativa à desordem bruta e inculta da competição sem freios.

Mais condenável do que a reação dos palmeirenses (afinal, agiram de forma primária no calor das circunstâncias) é a posição assumida pela maior parte da mídia esportiva, locutores, repórteres, comentaristas, incluindo ex-jogadores, etc. Com raras exceções, a maioria da impren-

sa esportiva justificou a violência ou se omitiu na sua condenação veemente.

Trata-se, portanto, de uma atitude racional de um instrutor criminoso. Pela importância que a imprensa tem na formação da opinião pública e na disseminação de valores, a reação da violência, para dizer o mínimo, é uma atitude de grave responsabilidade. Os que trabalham nos meios de comunicação têm o dever de procurar com entendimento e racionalização ética aos fatos.

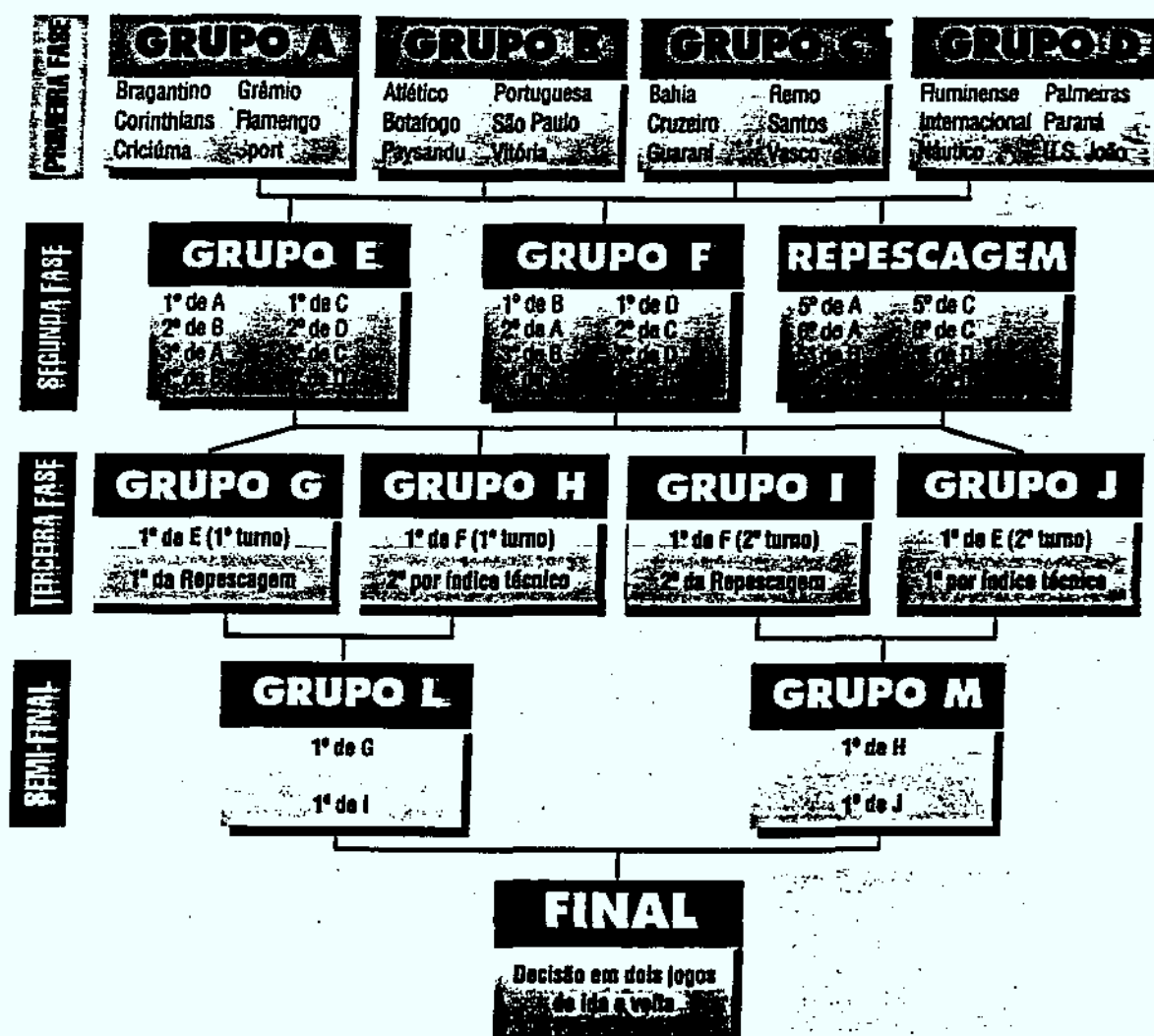
Registre-se que insensatos existem em todos os ambientes.

Sensatos, por exemplo, são jogadores do Corinthians que criminaaram Edílson. Sensatos também, é o palmeirense Azevedo que condenou a reação violenta.

Singular foi, ainda, a atitude do técnico da seleção, Wander Luxemburgo. Ao constatar a condição de linchado moral de Edílson, aproveitou a oportunidade para afirmar sua autoridade, honrabilidade e sua presunção de arauto da indignação, cortando o jogador da seleção. Ele foge à regra de sempre: no Brasil as autoridades mostram-se valentes e viris ante os fracos e derrotados, mas covardes e submissos ante os poderosos.

■ Aldo Fornazieri é professor do curso de pós-graduação da Escola de Sociologia Política (ESP)

**Autoridades
mostram-se
valentes ante
os fracos
e covardes
diante dos
poderosos**



PRIMEIRA FASE — Os 24 clubes se dividiram em quatro grupos de seis, realizando jogos de ida e volta. Classificaram-se para a Segunda Fase quatro times por chave. Os oito restantes, dois por grupo, disputaram a Repescagem. As equipes que chegaram em 1º lugar, entraram na Segunda Fase com um ponto de bonificação.

SEGUNDA FASE — Os 16 classificados se dividiram em dois grupos de oito e, no primeiro turno, jogaram entre si, dentro das suas chaves. Os vencedores dessas chaves asseguraram participação na Terceira Fase do campeonato. No retorno da Segunda Fase, os times enfrentaram as equipes do outro grupo, mas continuaram contando pontos dentro de suas chaves. Neste retorno, mais dois vencedores de cada grupo garantiram presença na próxima etapa da competição. Outros dois times seguiram em frente através do índice técnico, ou seja, fora os vencedores de turnos, se classificaram os dois com maior número de pontos na Segunda Fase, independentemente dos grupos. A equipe que vencesse o primeiro e segundo turnos dentro de seu grupo passaria direto à Semifinal, sem disputar a Terceira Fase, o que não aconteceu.

REPESCAGEM — Os dois times se enfrentaram entre si em jogos de ida e volta. Os dois que mais pontos alcançaram se classificaram para a Terceira Fase do Campeonato Brasileiro. Os dois últimos foram rebaixados para a Série B.

TERCEIRA FASE — Os oito classificados se dividiram

em quatro grupos e se enfrentaram no sistema mata-mata, com jogos de ida e volta em que um se classificou e outro foi eliminado.

SEMIFINAL — Quatro times se enfrentaram em dois grupos de dois pelo sistema mata-mata.

FINALISSIMA — Os dois classificados decidiram o título brasileiro de 1994 em dois jogos de ida e volta.

CRITÉRIOS DE DESEMPATE

a) maior número de vitórias; b) saldo de gols; c) gols pró; d) menor número de gols sofridos; e) gol average (divisão dos gols pró pelos gols sofridos); f) confronto direto (em caso de empate envolvendo apenas dois times).

Obs: Para efeito de desempate, a princípio foram considerados apenas os resultados dentro de cada fase. Persistindo o empate, valeram todos os jogos do campeonato, exceto quando times vindos da Repescagem estivessem envolvidos. Neste caso, equipes que vieram da Repescagem levariam desvantagem.

A partir das Semifinais, se uma das equipes tivesse se classificado diretamente na Segunda Fase, seriam consideradas as médias em cada um dos critérios de desempate.

A CBF elaborou três tabelas alternativas de confrontos na Terceira Fase, prevendo a eventualidade que uma ou mais equipes vencessem os dois turnos da Segunda Fase e garantissem assim a classificação automática para as semifinais, o que acabou não ocorrendo.

FÓRUM DE DEBATES

TEMA: VIOLÊNCIA

*Esta coluna é um espaço aberto para
opinião dos leitores sobre temas de destaque.*

Campeão paulista 23/06/99

Sou corintiano e somos campeonos paulistas. Mas vou ser neutro em minha opinião a respeito da pancadaria na final, contra o Palmeiras. Para começar, o Palmeiras mereceu vencer a Taça Libertadores. Por isso, os jogadores palmeirenses foram jogar a final com os cabelos pintados de verde, gerando aí uma primeira provocação. Cléber, por sua vez, exagerou em falta feita em Marcelinho e foi expulso corretamente. Já Edilson "brincou" com a bola e somente o árbitro poderia expulsá-lo. Ou quem não se lembra das provocações do Edmundo, que não foram consideradas, ou mesmo de qualquer torcida adversária gritando "olé"? Júnior e Paulo Nunes perderam a esportiva ao não aceitar a pequena provocação. Ao Corinthians, meus parabéns, pois mereceu a conquista. Marcelo Facciolo Pires, Franca

O craque Edilson tem intimidade com a bola. Fazer embaixadas e jogar a bola na nuca é para quem sabe. Entender isso como uma ofensa digna de ser repreendida com socos e pontapés não dá para aceitar. Muito menos ser motivo de corte da seleção. Embora o craque corintiano se tenha retratado, defendendo o direito do jogador de apresentar sua habilidade com a bola, seja fazendo embaixadas, dando chapéus ou olés. A torcida quer espetáculo e não existe maior espetáculo do que demonstrar intimidade com a bola. Quer dizer que, a partir de agora, toda vez que um jogador do Palmeiras levar uma bola entre as pernas ou sofrer um olé desconcertante vai apelar para a pancadaria? Vitor Ribeiro (vitoribe@dglnet.com.br), São Paulo

Futebol e civilização

A violência nos estádios de futebol tem sua origem em briga dentro do campo. Qual, porém, a origem das brigas no campo entre os próprios atletas? Não será a má condução dos eventos futebolísticos por quem os promove? A Federação Paulista de Futebol classificou o Paulistão como campeonato de sucesso total. Que

sucesso total? Após a trágica final do Paulistão, coloquei-me a pensar. Não seria melhor uma final da qual saíssem vitoriosos todos? Por que não haver cerimônia de premiação para o segundo e o terceiro colocado? Ah, como seria alegre uma entrega de prêmios para o campeão Corinthians, para o segundo colocado Palmeiras (cabendo grande homenagem a este time, pela conquista brasileira da Libertadores) e para o terceiro, o meu querido São Paulo, com a execução de hinos e demonstrações artísticas. Poderiam ainda ser premiados o artilheiro da competição, mesmo sendo de um quarto time e também a equipe campeã do torneio de aspirantes. Que rumo devem tomar nossas competições? Devemos seguir o modelo da premiação que ocorre na Olimpíada atual, mostrando o verdadeiro espírito esportivo, ou será que devemos ter disputas baseadas nos jogos da Grécia antiga, onde derrotados voltavam humilhados para casa, ou nem voltavam? Ivan Arantes Junqueira Dantas Filho, Pirassununga

FÓRUM DOS LEITORES

Futebol e circo

Discordo do leitor sr. Vitor Ribeiro (22/6). Futebol é o trabalho de jogadores que ganham, por sinal, muito bem, trabalho sério, de táticas, toques rápidos, dribles em direção ao gol e, principalmente, de respeito ao adversário. E campo em hora de jogo não é lugar de ficar dando embaixadas com a bola e equilibrá-la na nuca. Quer fazer graça? Vá fazer isso no circo, lá é lugar de malabaristas. Futebol é bola para a frente e com respeito. Wilson Belarmino da Silva (belarmino@convex.com.br), Ribeirão Preto

Sou gaúcho e gremista. Portanto, por todas as razões, simpatizo com o atual Palmeiras. Porém... Que cretinice, Paulo Nunes! Ainda bem que o Garrincha não jogou bola na mesma época que tu. Bastaria o Garrincha entortar um "João" para o Paulo Nunes atravessar o campo e quebrá-lo. João deitado, Mané quebrado. Seria o fim do futebol-alegria dos anos 50, 60, 70. Ainda bem que chegaste tarde, Paulo Nunes, porque não entendeste nada. Embora os clubes sejam empresas, o futebol ainda tem uma função lúdica para nós, público torcedor. Sem balãozinho, sem janelinha, sem meia-lua, sem "João", não é futebol, não. Fica coisa insossa, burocrática. Nunca te contaram que o Garrincha desistiu de fazer um gol só porque o goleiro não abria as pernas para que o Mané a metesse de janelinha? Pois é isso que faz nossa alegria, aqui na arquibancada. E não essas bufonadas como as tuas e do Danrlei. Torcedor não gosta de pancadaria. Gosta é de olé e de lençol. Como é que algum jogador pode sentir-se ofendido com uma brincadeira como a do Edilson, que é da essência e da própria plástica do jogo? Te apruma, Paulo. Do sempre fã do velho futebol de dribles, Paulo de Tarso Riccardi (ptriccardi@hotmail.com), Porto Alegre



O ESTADO DE S. PAULO
JUN/1999Esta coluna é um espaço aberto para
opinião dos leitores sobre temas de destaque

Memória e atualidade

Nosso futebol, como o próprio País, de há muito anda tão carente de valores que fazer uma pseudo-embaixada virou arte. Diante disso, eu que vi Ademir, Zizinho, Danilo, Bauer, Jair, Didi, Garrincha, Pelé e Coutinho, Canhotoiro, Gilmar e Nilton Santos jogar, para citar apenas os que me vêm à memória, só posso agradecer a Deus por ter conhecido o verdadeiro futebol-arte. **Hermínio Silva Júnior**, São Paulo

Tribunal

É inacreditável que toda, absolutamente toda, a imprensa esportiva da capital considere a atitude irreverente do jogador Edilson mais danosa ao esporte do que o grotesco comportamento do jogador Paulo Nunes. Paulo Nunes, além da vocação para travestir-se, revelou indiscutível talento para o pugilato, foi inexplicavelmente poupado pela imprensa. Com razão é chamada de "a escória do jornalismo". **Angaliba Netto**, São Paulo

Castigo geral

Tudo o que queríamos falar sobre o episódio Edilson (o bom) versus Paulo Nunes et caterva o eminente prof. Aldo Fornazieri disse em seu artigo *Edilson, a violência e a responsabilidade* (24/6, pág. A2), mormente no destaque: "Autoridades mostram-se valentes ante os fracos e covardes diante dos poderosos." Bonita, linda essa frase! A Luxemburgo um recado: nunca mais vou torcer por V. Sa. como fiz em um determinado momento amargo de sua vida. Pode crer, Wanderley, o momento não era para bravatas. E você fez isso no episódio Edilson. Você castigou não apenas o jogador, mas a própria seleção: castigou também os torcedores não do clube de Edilson, mas da nação brasileira. Obrigado por mais essa burrice. **José**

Senhor das trevas

Wanderley Luxemburgo prescreveu um mau serviço à Nação ao arvorar-se em juiz da atitude do jogador Edilson. É verdade que os jogadores do Palmeiras, dentre eles o abominável Paulo Nunes, deveriam ter sua punição atenuada se processados penalmente, em virtude das violentas emoções sob as quais agiram. Mas o reconhecimento de tal dritamente da sua conduta criminosa não autorizaria ninguém a transformar a vítima

de uma agressão em culpada. Se desejasse e tivesse o direito de punir, deveria o técnico da seleção em primeiro lugar punir os "mandantes" e "autores intelectuais" da violência em campo. Não é de hoje que todos sabemos que a escola do sr. Luiz Felipe Scolari é a da violência e a da pancadaria. Foram muitas as vezes que o ouvimos em entrevistas dizendo que "é melhor fazer uma falta do que sofrer um gol". Ora, nessa frase está toda a substância da sua filosofia de trabalho, que é a da prioridade à violência. Aliás, não é necessário ir muito longe para comprovar isso. Basta lembrar a histórica partida do Grêmio contra a Portuguesa, na decisão do brasileiro. Basta recordar a atuação dos jogadores Galeano e Paulo Nunes ao longo desta temporada de futebol. O sr. Luxemburgo começou, isto sim, a mostrar que "cedeu" ao sistema quando convocou o traidor de Paris, "nike name" Ronaldinho. E terminou com essa absurda punição de Edilson, sem o contraditório e sem a ampla defesa. Foi só tentativa de contentar o Palmeiras ou houve também preconceito racial envolvido? Sempre que um branco bate em um negro este último é culpado, sr. Wanderley? Acorde sr. Luxemburgo, salve sua reputação, não venda a alma ao senhor das trevas! **Joaquim Manhães Moreira**, São Paulo

Exemplo de Telê

Quero lembrar ao Wanderley Luxemburgo que o papel de técnico da seleção brasileira é de administrar talentos e não de cortar os talentos, pois quem não tem talento, no caso "o cracaço" Paulo



Nunes, tem de sentar-se e aplaudir e não partir para a agressão. O atual técnico da nossa seleção, antes de cortar o "melhor jogador" da temporada, deveria lembrar de alguns craques do passado que eram donos do espetáculo e verdadeiros ma-

labaristas da bola, tais como Mário e Luizinho (o Pequeno Polegar), na década de 50, Canhotoiro, Garrincha, Pelé e outros tantos que levantaram as torcidas dos grandes estádios. Luxemburgo, mire-se no exemplo do velho lobo Zagallo, que durante todo seu tempo como técnico da seleção brasileira sempre convocou os melhores jogadores, independentemente de seu comportamento, haja vista o Romário. Seleção, o próprio nome diz: "Os melhores e os mais talentosos!" **Arlindo Braz dos Santos**, São Bernardo do Campo

"Pipoqueiro"

Cada dia que passa o técnico da seleção Wanderley Luxemburgo mostra que veio para pôr ordem na seleção. No último domingo mostrou que é coerente nas suas atitudes ao desconvocar o Edilson, por seus atos no jogo da final do campeonato paulista, mesmo porque esse jogador não está com esta bola toda que a mídia tenta passar. Já mostrou em outras oportunidades que, além de indisciplinado, é "pipoqueiro". **Fabio Tondi Guzzo**, Itatiba

Mocinhos que amarelam

O técnico da seleção brasileira Wanderley Luxemburgo desconvocou Edilson de bobeira. Afinal, o que o jogador corintiano fez não foi nenhum crime. Pelo contrário, alegria no futebol é isso. Luxemburgo quer na seleção um bando de mocinhos bem comportados, projetando a imagem de bons moços? Vai ganhar o que assim? É preferível um time de "bandidos" que ganhe títulos a um bando de mocinhos dizendo que "Não deu..." **M. da Costa Carregosa**, São Paulo

*Esta coluna é um espaço aberto para
opinião dos leitores sobre temas de destaque*

Viva Edílson!

Assistindo à final do campeonato paulista, fiquei revoltado com a análise feita por todos os comentaristas, de todas as redes de tevê e rádio, que acusaram o jogador Edílson, do Corinthians, de ter iniciado a confusão e agido de forma desrespeitosa ao adversário. De vítima virou acusado. Como diria Nelson Rodrigues, toda unanimidade é burra! E assim foi neste caso. Ao mesmo tempo que dizem que o futebol brasileiro sente falta daquele jogador moleque, que desequilibra qualquer jogo, quando esse jogador aparece, ele é clinicamente criticado. Não dá para acreditar. O que ele fez foi somente brincar com a bola. Foi desrespeitoso? Não acho! Ele foi provocado durante todo o jogo pelos jogadores palmeirenses, por ter declarado que torceria contra o time na decisão da Libertadores. E reagiu de forma simples: fez um gol, que findou com as esperanças do time verde. E, então, foi o que se viu: o time do Palmeiras não soube perder e partiu para agressão. E os jogadores agressores? Não fizeram nada de errado? A maior prova da falta de moral dos jogadores do Palmeiras foi a comemoração de Paulo Nunes, como se tivesse ganhado o campeonato, com uma faixa de campeão cobrindo seu uniforme. Isso sim acho desrespeitoso. Tirar o brilho da conquista do campeonato pelo Corinthians com pancadaria foi a única forma que o Palmeiras encontrou de aparecer. Porque em campo quem ganhou foi o Corinthians. E viva o Edílson!! **Ricardo Pledade Novaes,** São Paulo



Cuidado, boleiros!

Ainda bem que Pelé estava no México quando aplicou aquele antológico drible no goleiro uruguaio; Clodoaldo estava no México quando, na final da Copa de 70, "humilhou", "desrespeitou", "brincou" com os italianos quase no final do primeiro tempo; ainda bem que no tempo de Mané Garrincha não tínhamos cronistas, locutores, repórteres de campo tendenciosos como os que hoje nos obrigam ouvir um monte de besteiras. Diriam que Mané Garrincha tripudiou em cima dos "Joãos". Querem acabar com a alegria do futebol. Edílson não incitou nenhuma ameaça à segurança de quem quer que estivesse no Morumbi. Ele apenas mostrou que tem completo domínio da bola. Na verdade deveriam é ter prendido o sr. Paulo Nunes por agressão. Esse rapaz, com seus dois neurônios, deveria procurar um tratamento, pois atitudes como a sua, de pôr máscaras de porco, Tiazinha ou veuzinho de Feiticeira, estes atos sim são verdadeira agressão a todos os amantes do futebol. Lamentável que o futebol brasileiro será representado no Japão por uma equipe que tem um técnico tendencioso, pretensioso, e bobão como o Felipão, que comanda idiotas como Paulo Nunes, Zinhô, Júnior, Roque Júnior e Júnior Baiano. Corinthians, vamos aprender a tomar o chá das cinco e torcer pelo verdadeiro futuro campeão mundial de clubes, o nosso querido Manchester. **Diogenes Fernandes,** Santa Bárbara d'Oeste

Embaixada e diplomacia

Será que o sr. Galvão Bueno e grande parte da imprensa têm tanto medo da Parmalat que não conseguem narrar fatos com um mínimo de imparcialidade? O referido narrador, tão contrário à violência, não viu que, após uma semana de provocações e ameaças de Felpão, o Palmeiras entrou em campo para bater e provocar (vide o caso da expulsão de Cléber e dos xingamentos de Roque Júnior flagrados pela câmera), revoltando jogadores e a torcida do Corinthians, que passou a pedir olé ainda no primeiro tempo. Onde está escrito que é proibido fazer "embaixada" em campo? Ao que me consta, proibida é a agressão cometida pelos "fortões" Zinho, Júnior e Paulo Nunes, donos de um porte físico ridículo. Os palmeirenses ficaram revoltados porque Edílson torceu para o Deportivo. Qual o problema? Todo mundo que não era palmeirense torceu contra, mesmo porque esse é o time mais antipático e mascarado de todos os tempos. A verdade é que o Palmeiras mostrou que é um timinho que não sabe perder. O que eles vão fazer quando estiverem tomando um provável vareio do Manchester que é muito superior ao Deportivo? Sair na pancadaria e envergonhar o futebol brasileiro? **Luiz Henrique Barros, São Paulo**

Cumprimentos

Gostaria de cumprimentar o vice-campeão paulista pelo título de campeão da Libertadores e desejar sorte no amistoso que fará dia 30 de novembro contra o Manchester United, em Tóquio. Que vença e traga aquele bonito automóvel. Também cumprimento o campeão paulista por mais esse importante título conquistado e desejo sorte ao Corinthians, que em janeiro, com outras importantes equipes internacionais, vai disputar o primeiro Mundial Interclubes oficial, organizado pela Fifa, no Rio; e desejo-lhe ainda, como prêmio, que conquiste o primeiro campeonato mundial interclubes. **Arcangelo Sforzin Filho, São Paulo**

Sem comparações

Aos idiotas de plantão: comparar Edílson com Garrincha é imbecil quanto comparar F. Nunes com Pelé. Só quem nungou ao menos uma pelada na não sabe a diferença entre um ble e uma série de embaix. (malfeitas por sinal) durante partida. **José Carlos de Ab, São Paulo**

Cassar o título

Sou palmeirense e não posso deixar de registrar minha indignação com o desfecho lamentável do Fluminense 99. Menos pela perda do título, mas principalmente pelo enorme desrespeito destes senhores que ganham um apartamento mês de salário. Depois daquela atitude ridícula de Edílson (desfazendo um time que praticamente lançou para o estrelato), mais ridícula ainda foi a atitude dos jogadores do meu querido Verdão, também desrespeitaram a cardealverde, descendo ao nível de provocação do jogador corintiano. Esses senhores que ganham um salário milionário nada mais fizeram do que estimular a violência por causa da defesa da honra, o que, convenhamos, é um princípio que não se deve admitir mais quando estamos entrando no terceiro milênio. Esse tipo de atitude instiga a rivalidade baixa e desprezível, estimula a briga de gangues por "território" ou coisa que o valha e acaba com qualquer princípio pacífico que poderia estar envolvido com esportes. Uma atitude, para mim, respeitável e de peso seria a FPF tirar o título das duas equipes, dá-lo ao São Paulo (que, afinal de contas, tem mais pontos que todo mundo) e multá-las pesadamente ou até suspender as de competições oficiais. **L. Gustavo Petri, Santos**

■ Sugestões para debate: "Pizza Paulista", "Outras", "Educação", "Privatização", "Previdência" e "Igrejas". As cartas devem ser enviadas para Fórum de Debates, Eng. Caetano Álvares, 55, 6.º andar, C. 02598-900, ou pelo fax: (011) 856-29 com assinatura, identificação, endereço, telefone do remetente, e poderão ser resu- das. Correspondência sem identificação completa será desconsiderada.

TEMA: FUTEBOL

*Esta coluna é um espaço aberto para
opinião dos leitores sobre temas de destaque*

Quem te viu, quem te vê

Ora, seu Luxemburgo, o senhor não viu que quem foi agredido foi o Edílson, pelo Júnior e Paulo Nunes, pelo fato de estar fazendo embaixada para regozijo de seus fãs, tudo dentro de um espetáculo que já foi incorporado ao futebol brasileiro, à semelhança dos "olés" e tantos festejos na conquista de gols? Ademais, se embaixadas e olés são considerados ofensa ao adversário, não é a este que compete agredir brutalmente a quem está "humilhando elegantemente", sem pontapé ou palavrão. Para isso existe o árbitro que é autoridade soberana para interpretar, à luz da lei e das regras, se o fato inusitado é passível de punição. Agora, indiscutivelmente, Júnior e Paulo Nunes, autores de covarde agressão a Edílson, estes sim merecem severas penas capituladas nas regras da Fifa. Quanto ao senhor, seu Luxemburgo, teve sua atitude intempestiva criticada pelo próprio técnico do Palmeiras. Esqueceu-se de que várias vezes foi expulso de campo por atitudes inconvenientes, a critério dos árbitros. Nem por isso foi demitido do clube ou deixou de ser convocado para técnico da seleção. **Ricardo Veronesi**, São Paulo

Coisa de Deus e capetas

Lendo a coluna de Armando Nogueira (23/6), tive a sensação de que Armando teve uma recaída profissional nos tempos em que era diretor de Jornalismo da Globo durante a ditadura. Sua visão sobre o episódio Edílson é extremamente reacionária. Quando comenta que Vavá, depois de levar chapéu, advertiu Ademir da Guia de que um dia alguém quebraria a perna dele e Ipojuca com gol de letra fechou o tempo contra a seleção do Uruguai, somente justifica a reação à embaixada de Edílson. Vavá sempre foi "grosso", peito de aço que fazia gol de canela. Jogando ao lado de Pelé, Didi, Garrincha, até minha mãe faria gols. Chega de Clébers, Vavás, Júnior Baianos, etc. Viva os Ademires, Ipojuças, Djalminhas e Edílsons! Viva o futebol! Armando, futebol também é jogo criado por Deus e jogado por capetas. **Adriano Cangani**, São Paulo

Os culpados

Fim melancólico do campeonato paulista. A atitude irresponsável de Edílson, menosprezando a equipe palmeirense, deve ser condenada por todos. As covardes agressões físicas de Paulo Nunes e Júnior contra Edílson não podem encontrar justificativa. Excederam, e muito, a provocação. Devem, portanto, ser condenadas com veemência maior à dispensada à molecagem de Edílson. Temos de ressaltar, porém, que as atitudes desses

jogadores podem ser compreendidas, pois foram resultado de atos de outros, os responsáveis pelo jogo tumultuado. Felipe Scolari é um dos grandes culpados. Não ponho em dúvida a capacidade profissional de Scolari, pode ser que não tenha agido de má-fé, que tenha tido apenas a intenção de levantar o moral de sua equipe; mas é inegável que suas declarações ao final do primeiro jogo, e no decorrer da semana, criticando Marcelinho, Vampeta e Edílson por supostas jogadas desleais, insinuando até que os citados jogadores receberiam o troco na próxima partida, insuflaram os ânimos de jogadores e mesmo dos corintianos. Agora, Scolari posa de "bom moço". A outra grande culpada, sem dúvida, é a mídia. Com seu trabalho intrigante de "leva-e-traz", "cutucando" jogadores, extraindo a força de respostas contundentes e sensacionalistas destes ingênuos, valorizando declarações sem valia no afã de "esquentar" suas matérias, contribuiu sobremaneira para o acirramento dos ânimos e aumento da tensão do "clássico". Devemos dar graças a Deus (e ao bom senso deste jovem árbitro Paulo César) por a violência não se ter espalhado pelos torcedores no estádio e/ou nas ruas. E a mídia faz autocritica? Quem dera! Prepotente e arrogante como sempre, condena a tudo e a todos, menos a si própria, como se dos fatos mera espectadora fosse e não importante coadjuvante. **Jair Faustino Rodrigues**, Guararema

**Versos para Edílson**

Edílson, fique tranqüilo! Toda unanimidade é burra! Condenam-te por *aquilo*! Mas a torcida gostou! Hurra! Hurra!/// Tua embaixada foi sublime!// Lavou nossa alma!// Ela, toda humilhação redime!// Restituiu-nos a "calma"!// "Nóis semo! Haja nós"!// "Nóis" guerreia... Exemplar!// Bola na nuca... Nunca de "vóis"?// "Tá cum inveja? Faiz iguar"!// Futebol é irreverente!// Futebol é molecagem!// É a finta, alegria da gente!// Sem respeito, sem homenagem. **Nadir F. Sabbag**, corintiano desde 1910, Mirassol

Segura, peão!

Quem entra em uma final de Campeonato Paulista com faixa de campeão da Libertadores escondida no calção, como fez Paulo Nunes, no último domingo, é porque está querendo provocar e tem de sujeitar-se a ser provocado sem partir para ignorância, ou, o que é pior, para a violência. Parabéns, Edílson, pelas embaixadas! Ao Paulo Nunes só me resta fazer pergunta bem comum nos rodeios: "Se não agüenta, por que veio?" **Zeliana Barros Ayres**, Piracaia

Arte típica

Técnicos como Luxemburgo, Scolari, Parreira, etc., estão acabando com o futebol-arte típico do jogador brasileiro. Parabéns, Edílson! Parabéns, futebol-arte! Fora, falsos técnicos! Viva Feola, que domina no banco de reservas enquanto o Santos, com arte, massacrava seus adversários. **João Adalberto Rocha**, Espírito Santo do Pinhal



Passe curto

■ Segundo Paulo Angioni, do Palmeiras, profissional que também é psicólogo, "os jogadores de futebol ganham altos salários em um país de desempregados e isso revolta a torcida quando eles não atuam bem."

■ Mas essa é apenas uma pressão. A outra, é a exposição freqüente nas páginas de jornais e revistas e na TV. Como pressão exige escape, há quem decida marcar data para encerrar sua carreira, como fez Edmundo, que pretende parar de jogar quando terminar seu contrato com o Vasco.

■ Quem ainda quer permanecer em campo, procura outros caminhos para suavizar as pressões: passa a dedicar-se a obras sociais. Acho que é isso que move o meia Rivaldo a criar uma fundação para crianças carentes. O meia Leonardo, quando deixou a seleção, disse que queria outros caminhos na vida. Que o futebol não é tudo.

■ Estariam os jogadores tirando a roupa de máquinas e descobrindo que a vida não é só isso que se vê? Como dizia o samba, ela é muito mais.

FOLHA DE S. PAULO

Brasileiro bate recordes de violência

PAULO COBOS
da Reportagem Local

O futebol brasileiro disputa o campeonato mais violento da história estatística do Datafolha.

No Brasileiro-99, pela primeira vez, em 55 torneios acompanhados em 14 anos pelo instituto, a média de faltas por jogo passou da casa de 52. E, pela primeira vez, em 2.503 partidas analisadas, um jogo registrou mais de cem faltas.

O Datafolha já acompanhou, por exemplo, 14 Brasileiros, 15 Paulistas, 4 Copas do Mundo e 7 Copas América, além de jogos internacionais e praticamente todos os amistosos da seleção brasileira.

A partida entre Ponte Preta e Guarani, antenonem à noite, registrou 105 faltas —um jogo 3,5 vezes mais violento do que a decisão da Copa do Mundo de 1998, que reuniu Brasil e França.

O clássico de Campinas teve a incrível marca de uma infração cometida a cada 51 segundos. Na média, cada um dos 27 jogadores que participou da partida, incluindo os goleiros e os que atua-

ram por poucos minutos, fez 3,9 faltas. No Mundial da França, a média por atleta foi de 1,2.

O recorde anterior de violência pertencia a Corinthians 1 x 1 Bragantino, pelo Brasileiro-92, em que foram apitadas 88 infrações.

O Brasileiro-99 também já emplacou outros dois jogos entre os cinco mais violentos das últimas 14 edições da competição — Coritiba 2 x 2 Cruzeiro (85 faltas) e Ponte Preta 2 x 0 Grêmio (84).

Com isso, o atual campeonato tem uma média de 58,4 faltas por partida, 12% a mais do que a edição de 1998 e 33% a mais do que a média histórica do torneio.

Individualmente, o Brasileiro-99 também registra estatísticas sem precedentes.

Até o momento, 13 jogadores têm média de faltas cometidas superior a cinco por partida.

No ano passado, por exemplo, apenas cinco atletas atingiram essa marca.

Jadilson, lateral-esquerdo da Lusa, é o mais violento do Brasileiro-99, com média de oito faltas por partida, outro recorde.

A "façanha" anterior pertencia ao volante Dário, do Sport, que em 1996 fez 6,7 faltas por jogo.

Mesmo com tanta violência, a arbitragem do Brasileiro-99 está sendo pouco rigorosa.

No recordista Ponte x Guarani, por exemplo, o juiz Paulo César de Oliveira não expulsou nenhum jogador —só o volante Roberto, da Ponte Preta, fez dez faltas.

Comparando a violência e as punições do Brasileiro com a última Copa do Mundo, fica mais claro o pouco rigor da arbitragem nacional.

Na França, a média de faltas foi de 34 por partida —cerca de 42% menor do que a do Nacional.

Mesmo assim, a média de expulsões no Mundial ficou em 0,34 por jogo —cerca de 27% menor do que o número do Brasileiro —0,47.

Os times mais violentos do Nacional registram índices de expulsões ainda menores. Vasco, Ponte Preta e Grêmio —todos entre os cinco mais faltosos— ainda não tiveram atletas advertidos com o cartão vermelho.

Clubes ignoram CBF, e violência segue

da Reportagem Local

Os 22 clubes que participam do Campeonato Brasileiro estão ignorando solenemente uma recomendação expressa da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) em relação ao jogo violento no principal torneio do país.

Há três semanas, ao descobrir que a atual edição registrava uma média de 28,5 faltas por equipe a cada jogo, recorde de violência nos 14 anos em que o Datafolha faz esse levantamento, o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, convocou uma reunião do conselho técnico da Série A do Brasileiro, na qual exigiu uma mudança de atitude dos clubes.

"Temos de encontrar rapidamente uma solução para esse problema. Um jogo não pode ter 60 faltas", afirmou o dirigente então, justificando a iniciativa.

O encontro aconteceu no dia 26 de agosto. Ocorre que, de lá para cá, segundo os números do Datafolha, a média de faltas não diminuiu. Pelo contrário, até aumentou um pouco.

Nas três rodadas disputadas após o "puxão de orelhas" de Teixeira, a média de infrações por equipe (não computados os jogos de ontem) foi para 28,9, um aumento de 1,4%.

Com isso, a média geral da competição aumentou para 28,7 faltas por time (57,4 por partida).

Em 55 competições acompanhadas pelo Datafolha, jamais a média havia superado 52 faltas por partida.

O jogo Ponte Preta 0 x 0 Guarani, no dia 18 de agosto, em Campinas, que também teve violência fora de campo, com briga entre torcidas, registrou a impressionante marca de 105 faltas.

E, de acordo com os números do Datafolha, é exatamente a Ponte Preta o time mais violento do Brasileiro-99 até o momento (sem incluir os jogos de ontem).

A equipe de Campinas comete

uma média de 37,3 faltas por partida, seguida pelo Santos, com 33.

Ainda segundo o Datafolha, o time menos faltoso é o Corinthians, líder isolado da competição, com média de 23,6 infrações por jogo (veja quadro ao lado).

Causa

O maior indício para a explosão de faltas no Brasileiro está no regulamento da competição, que este ano aumentou de três para cinco o número de cartões amarelos necessários para que um jogador seja suspenso.

De acordo com Ricardo Teixeira, o maior objetivo da reunião de 26 de agosto era justamente alterar esse critério.

Mas a proposta do dirigente foi rejeitada pelo conselho técnico —seria necessário que o fórum, formado pelos 22 participantes do Brasileiro, concordasse por unanimidade com a sugestão de Teixeira.

Derrotado, o presidente da CBF afirmou que tentaria então corrigir o erro pela Comissão de Arbitragem, comandada pelo ex-árbitro Armando Marques.

"Os árbitros poderão usar o cartão vermelho no lugar do amarelo", ameaçou Teixeira.

Mesmo sem ter tido qualquer influência para a redução de faltas, de fato os juizes passaram a expulsar mais. O aumento do número de cartões vermelhos desde as ameaças de Teixeira aumentou consideravelmente.

Antes da reunião do conselho técnico, em 66 jogos, 25 cartões vermelhos foram mostrados —média de 0,37 por jogo.

Após a reunião, já aconteceram 23 expulsões em 31 jogos (sem contar os de ontem), média de 0,74 por partida.

Como se vê, os pedidos e ameaças do dirigente máximo da CBF funcionaram junto aos árbitros, mas não surtiram o menor efeito exatamente junto a quem mais precisava —os clubes.

Expulsões não refletem infrações

da Reportagem Local

O número de faltas cometidas por uma equipe não apresenta relação direta com a quantidade de expulsões que ela teve ao longo do campeonato.

Somadas, as cinco equipes mais violentas do Brasileiro, segundo o Datafolha —Ponte Preta, Santos, Vasco, Guarani e Grêmio— tiveram 10 expulsões de um total de 48 da competição.

São Paulo e Botafogo-SP, respectivamente 11ª e 18ª no ranking de faltas, são os clubes com mais jogadores expulsos até agora: cinco cada.

Logo em seguida aparece o Internacional, com 4 jogadores expulsos.

O Atlético-MG é o único clube que não teve nenhum atleta punido com o cartão vermelho no torneio.

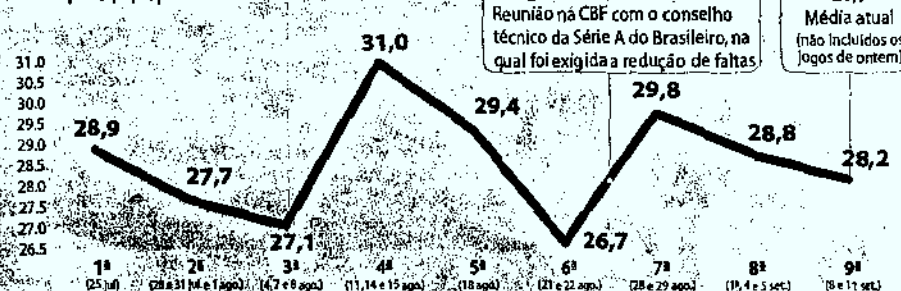
Os três jogadores mais faltosos do Brasileiro-99 até agora —Anderson, do Inter, com média de 6,8 faltas por jogo, Roberto, da Ponte Preta, com 6,3, e Axel, do Atlético-PR, com 5,5— são todos volantes cuja característica é a marcação.

Apenas Axel não foi expulso. Anderson foi expulso na partida contra a Lusa, na quarta-feira passada, e Roberto foi eliminado na partida de sábado contra o Vasco.

Três jogadores já foram advertidos com dois cartões vermelhos até agora. Bell e Marcão, do Botafogo-SP, e André Gomes, do Guarani.

A evolução das faltas no Brasileiro

Média por equipe, por rodada



Ranking das faltas por equipe

Média por partida*

Ponte Preta	37,3
Santos	33,0
Vasco	32,7
Guarani	32,5
Grêmio	32,1
Atlético-PR	32,0
Paraná	29,4
Flamengo	29,3
Coritiba	29,3
Juventude	29,0
São Paulo	28,9
Gama	28,9
Inter	28,9
Vitória	28,0
Lusa	27,5
Cruzeiro	27,3
Botafogo-RJ	26,3
Botafogo-SP	25,6
Sport	25,3
Atlético-MG	25,1
Palmiras	23,8
Corinthians	23,6

* Não incluídos os jogos de ontem. Fonte: Datafolha

Saiba quem mais expulsou no torneio

da Reportagem Local

Sálvio Spínola, de São Paulo, e Leonardo Gaciba, do Rio Grande do Sul, são os juizes que mais expulsaram jogadores no Brasileiro. Spínola apresentou cartões vermelhos seis vezes, em três jogos

que apitou, enquanto Gaciba expulsou cinco em dois jogos.

O goiano Antônio Pereira da Silva e o mineiro Márcio Resende de Freitas, do quadro da Fifa, também vêm sendo rigorosos. Silva expulsou cinco vezes em sete jogos, e Freitas quatro em seis.

Em compensação, o gaúcho Carlos Eugênio Simon (que arbitrou seis partidas) e o paulista Oscar Roberto Godói (sete jogos; ambos também da Fifa, "congelaram" os cartões vermelhos e seus bolsos: nenhum dos dois expulsou ninguém até agora.

Violência alcança o ponto máximo na competição e se alastra à torcida, enquanto o nível técnico cai

brasileiro-99 incorpora de vez a várzea



da Vitória e Atlético-MG brigam após partida de anteontem, no estádio Independência

PAULO COBOS
MAÉRCIO SANTAMARINA
da Reportagem Local

O espírito de várzea — com jogos de baixo nível técnico e brigas em campo, na torcida e nos vestiários — se instalou de vez no Campeonato Brasileiro-99.

A confirmação veio nos sete jogos disputados anteontem, que tiveram oito expulsões e média de apenas 1,86 gol marcado — recordes negativos do torneio.

No total, foram aplicados 40 amarelos. 11 só no jogo em que o Guarani derrotou o então último invicto do torneio, o Vasco.

A média de cartão vermelho, que era de 0,47/jogo, subiu para 1,1 na rodada (aumento de 135%).

A versão 99 do Brasileiro é a mais violenta dos últimos 14 anos, desde que o Datafolha começou a acompanhar os jogos, com média de 56,8 faltas por partida.

Em Belo Horizonte, no estádio Independência, atletas de Atlético-MG e Vitória se envolveram em uma briga generalizada após os baianos vencerem por 2 a 1.

A mesma situação aconteceu em Curitiba, onde jogadores do Atlético-PR e do Paraná brigaram após o empate em 1 a 1.

A violência e a pobreza técnica das partidas tiveram reflexos na arquibancada. Torcedores do Atlético-MG, incluindo mulheres e adolescentes, foram agredidos por policiais depois do jogo. O comandante da PM no estádio, major Adenilson Cabral, disse que eles provocaram, jogando pedras e mastros de bandeiras.

No Canindé, torcedores da Luana tentaram invadir o vestiário da equipe para agredir os jogadores, que perderam para o Santos a terceira partida seguida no Brasileiro.

A CBF (Confederação Brasileira de Futebol) informou ontem que ainda estuda uma medida em relação a esses casos. Na segunda-feira, o presidente da Comissão de Arbitragem da entidade, Arman-

Torneio tem queda na artilharia

da Reportagem Local

Ofuscado pela violência nos gramados e nas arquibancadas, o Campeonato Brasileiro também vem sofrendo com o baixo nível técnico de vários jogos.

Na última quarta-feira, por exemplo, foi batido o recorde negativo de média de gols em uma só rodada.

Foram marcados apenas 13 gols em sete jogos, média de 1,86 por partida.

Foi a primeira vez na competição que a média de uma rodada ficou abaixo de dois gols anotados por partida.

Com isso, a média geral da

competição caiu de 2,80 para 2,74 — em relação à edição passada, que era de 2,87, a queda foi de cerca de 5%.

Este campeonato também está consagrando o nada empolgante placar de 1 a 0.

Nos 109 jogos já realizados, sem contabilizar a partida entre Ponte Preta e Coritiba, que seria realizada ontem à noite, 23, ou 21% do total, terminaram com esse resultado.

Em 1998, apenas 14% dos jogos acabaram dessa forma.

O torneio também passa por uma fase de instabilidade de seus participantes.

Dos 22 times que disputam a competição, apenas dois — os paulistas Palmeiras e Santos — venceram os dois últimos jogos que disputaram.

Nenhuma equipe tem atualmente uma sequência de três vitórias seguidas. (PC e MS)

do Marques, disse que o campeonato não está violento, "já que ninguém está machucado."

Dentro de campo, o fato mais negativo da rodada aconteceu em Campinas, onde o lateral vasco Gilberto foi expulso depois de uma entrada excessivamente desleal em Marcinho, do Guarani.

"Se ele não tivesse saltado, certamente teria uma lesão nos ligamentos do joelho. A violência está crescendo e não é coibida", disse ontem o fisioterapeuta Cláudio Prias, do time campineiro.

"Os árbitros têm mostrado indecisão em campo. Usam critérios diferentes para punir um mesmo tipo de jogada violenta. Isso vai acirrando os ânimos", afirmou o diretor executivo do Atlético-MG, Bebeto de Freitas.

Para o presidente do Vitória, Paulo Carneiro, cada clube é que tem de controlar seus jogadores.

"Alguns querem relacionar o

aumento da violência à mudança na regra dos cartões amarelos, mas é uma questão de filosofia do clube. Reduzimos as faltas do Vitória com um trabalho de conscientização. Em 11 partidas, tivemos só duas expulsões e apenas três atletas com mais de três cartões amarelos", afirmou.

Até o ano passado, o jogador cumpria suspensão ao receber o terceiro cartão amarelo. Agora, a suspensão vem no quinto.

Para o Atlético-MG, a violência fora de campo foi mais preocupante, tanto que sua diretoria se reuniu ainda na madrugada com o governador mineiro Itamar Franco para discutir o problema.

O Atlético, segundo Freitas, não aceita mandar seus jogos no Mineirão. O time usa o Independência, que esteve ameaçado de interdição, desde o início do Brasileiro.

Com a Agência Folha, em Belo Horizonte

FOLHA DE S. PAULO - SET/1999

Eurico Miranda invade campo, e juiz encerra partida do Vasco

da Sucursal do Rio

O jogo Vasco e Paraná, pelo Brasileiro, foi declarado encerrado pelo juiz Paulo César Oliveira aos 42min do segundo tempo, quando estava 1 a 1, após o vice-presidente de futebol do Vasco, Eurico Miranda, invadir o campo.

A invasão ocorreu depois que o juiz expulsou o zagueiro Mauro Galvão, terceiro jogador do Vasco a receber cartão vermelho na partida. Em entrevista a uma emissora de rádio do Rio, o atacante Edmundo xingou o juiz.

Após a entrada de Miranda em campo, houve tumulto e ameaças de agressão ao juiz. Ele deixou o

gramado protegido pela Polícia Militar e por seguranças do próprio Vasco.

Os dirigentes do clube do Rio ficaram preocupados com a interdição do estádio São Januário em caso de agressão a Oliveira.

"O senhor é um irresponsável. E mais irresponsável é quem escalou o senhor para apitar essa partida", disse Miranda ao juiz.

A escalção é responsabilidade de do ex-árbitro Armando Marques, diretor da Comissão de Arbitragem da CBF (Confederação Brasileira de Futebol).

O zagueiro Mauro Galvão classificou a atuação de Oliveira de uma "palhaçada".

VASCO

1 C. Germano; Maricá (Felipe, depois Fabrício); Odvan, M. Galvão e A. Oliveira; Amaral, F. Eller, Juninho e P. Miranda; Edmundo e Donizete (Géder)
Técnico: Antonio Lopes

PARANÁ

1 Régis; Wilson (Patrício), Adilson, Milton do Ó e Branco (Everaldo); Pingo (Nélito), Vital, Jorginho e Hélio; Fernando Diniz e Washington
Técnico: Waldyr Espinosa

Local: estádio São Januário; Juiz: Paulo César Oliveira (SP); Público: 33.814; Renda: R\$ 113.924,00; Cartão amarelo: Washington (P); Cartões vermelhos: Juninho, M. Galvão e A. Oliveira (V); Gols: Edmundo, aos 37min do 1º tempo, e Everaldo, aos 38min do 2º tempo

Rincón garante que vai levar a briga com Paulo Nunes até o fim

Colombiano não se intimida com ameaças do palmeirense de levá-lo à Justiça por calúnia

A briga entre Rincón e Paulo Nunes está apenas começando. Ontem, o meia colombiano respondeu às ameaças do atacante do Palmeiras, que pretende processá-lo por calúnia. Segundo Paulo Nunes, o rival o acusou de atacá-lo com ofensas morais de cunho racista, sem ter como provar. Rincón está pronto para a batalha judicial. "Se ele vai levar isso em frente, eu também vou", garante o jogador do Corinthians. "Como é que o cara que descumpre uma lei nacional pode querer processar o outro?", indaga o colombiano.

O palmeirense negou que tenha insultado o corintiano no clássico do dia 12, no Morumbi. Alegou que tem muitos amigos negros e jamais faria ofensas racistas a ninguém. "Paulo Nunes é mentiroso!", rebate Rincón, que, por enquanto, não pensa em processar o seu desafeto.

O jogador do Corinthians exalta-se quando fala sobre o assunto. Mais uma vez, afirma ter sido vítima de ofensas por causa de sua cor e está

disposto a levar essa briga até o fim. Ele revela que Paulo Nunes o ofendeu no lance anterior, aquele em que recebeu a cusparada do corintiano. "O que ele me falou não é coisa normal de jogo de futebol e nem foi a primeira vez que aconteceu", ataca Rincón. "Sei que dei um mau exemplo, com aquela cusparada, mas o que ele falou foi algo muito pior", acrescenta o colombiano, que só vai revelar o que ouviu do rival "quando achar que é o momento certo".

O craque corintiano está suspenso por 30 dias, no Campeonato Brasileiro, pela cotovelada que deu no atacante Leandro, do Flamengo. Rincón poderá pegar uma punição ainda maior, se o episódio com Paulo Nunes no clássico entre Corinthians e Palmeiras for a julgamento na CBF.

Para os jogos da Mercosul, como o que o time faz hoje, em Buenos Aires, diante do Independiente, Rincón está liberado para atuar. "Vou seguir trabalhando normalmente, independentemente dessa punição", comenta. O técnico Oswaldo de Oliveira definiu que Gilmar será o substituto do titular, nos jogos pelo Campeonato Brasileiro. (P.G.)

**ELE É UM
MENTIROSO,
DIZ O
CORINTIANO**

Como o futebol serviu à causa nazista

Sai o primeiro estudo detalhado sobre a história futebolística alemã de 1933 e 1945, 'Hitler's Strikers', de Gerhard Fisher e Ulrich Lindner, contando como Hitler tentou desesperadamente popular o esporte em favor de sua ideologia política

KATE CONNOLLY
The Guardian

Tendo em vista seu desdém pelo esporte, a única decisão na vida de Adolf Hitler de assistir a uma partida de futebol foi positivamente significativa. Corrida de carros, lutas de boxe e Wagner eram muito mais do gosto do fúhrer. Mas, como seus assessores haviam ressaltado, o dia 7 de agosto de 1936 era uma ocasião particularmente interessante: a Alemanha jogava com a Noruega em território nacional nos Jogos Olímpicos no Post Stadium de concreto em Berlim. E, como a seleção nacional havia recebido gratificação para vencer, era uma oportunidade de propaganda política que não deveria ser desperdiçada.

A vitória demonstraria ao mundo que o 3.º Reich era um poder a ser levado em consideração e uniria a nação na crença de que lutar pela terra natal era uma causa digna de mérito. Porém, essa foi a primeira e última visita de Hitler a um jogo de futebol. Após seis minutos, a Noruega marcou o primeiro gol. E o segundo gol, aos 84 minutos, foi fator decisivo. Hitler, que estava acompanhado de Goebbels, Goering e Hess, ergueu-se com o rosto enrubescido e abandonou precipitadamente o estádio, sem esperar pelo apito final.

"O fúhrer está furioso", escreveu o ministro da propaganda, Joseph Goebbels. "Mal consigo suportar isso, uma pilha de nervos." Segundo a revista da seleção nacional de futebol, *Kicker* (jogador de futebol), um estado de espírito de "Quarta-feira de Cinzas" espalhou-se pelo país, uma tragédia não apenas porque a Alemanha perdera, mas também pelo fato de que o fúhrer testemunhara o vergonhoso evento. Para piorar, os dois gols foram marcados por um jogador de nome que soava de origem judaica - Isaaksen.

No decorrer dos 12 anos do domínio de Hitler, os nazistas tentaram desesperadamente manipular o futebol para promover sua causa política.

Mas, a falta de compreensão deles sobre a imprevisibilidade do esporte colocou-os em uma situação de derrota. Apartida entre Alemanha e Noruega e outras derrotas constrangedoras e - aos olhos de Goebbels - "im-perdoáveis", principalmente contra a Suíça no dia do aniversário do fúhrer, e uma esmagadora derrota contra a Suécia, foram provas de que as tentativas de explorar a superioridade germânica não foram muito espertas.

Depois da derrota para a Suécia, Goebbels escreveu no seu diário: "Cem mil pessoas deixaram o estádio em um estado depressivo. Vencer uma partida é mais importante para o povo do que capturar uma cidade em algum lugar do Leste." Nos últimos 60 anos a sociedade germânica vem trabalhando arduamente para exorcizar os fantasmas do seu passado nazista, mas o mundo futebolístico continua intocado.

Recentemente foi editado o primeiro estudo detalhado da história do futebol alemão, no período de 1933 e 1945. *Hitler's Strikers*, do comentarista esportivo Gerhard Fisher e do escritor Ulrich Lindner, narra como o esporte foi envolvido na ideologia política da época. O livro traz relatos de jogadores e dirigentes, revelando como eles colaboraram de boa vontade com os nazistas. A publicação veio em boa hora - no próximo ano, a Federação Alemã de Futebol (DFB) vai celebrar seu centenário e certamente será obrigada a ajustar contas com algumas verdades perturbadoras.

A maioria dos integrantes da elite nazista era velha demais para pertencer à geração dos fanáticos por futebol que surgiu na década de 20. Mas, mesmo não entendendo do esporte, Hitler foi extremamente astuto para perceber que um esporte com poder de atração tão forte, reunindo agrupamentos de massa defunidos, tinha potencial para a propaganda política. Hi-

ter foi ávido em explorar os aspectos do esporte que encorajavam a ideia de identidade corporativa e que podiam ajudá-lo a consolidar seu poder. "Atendência era convidar os países que acabavam de ser ocupados para mostrar quem era o chefe", diz Hans Joachim Teichler, sociólogo do esporte especializado na era do nacional-socialismo. "Mas, no geral, esse método de manipulação foi um grande fracasso porque a Alemanha pareceu sempre ter má sorte." Goebbels foi obrigado a retrabalhar a deformada filosofia nazista sobre futebol. Estabeleceu para si mesmo a meta ambiciosa de tentar impedir derrotas da seleção nacional para manter o moral da nação alto e, assim, desestimulou partidas contra equipes que eram claramente mais fortes.

Quando tudo falhou, Goebbels emitiu ordens proibindo a seleção nacional de perder novamente. E então o que aconteceu? Em 1942, quando a Alemanha estava começando a sentir o golpe das derrotas, ele simplesmente emitiu um veto contra jogos internacionais. Foi preciso repensar as táticas. Ficou acertado que o futebol seria mais bem explorado em casa, como diversão e espetáculo que demonstrando para a nação que a prova do valor estava no jogador e não no resultado final e que seus rapazes podiam vencer tanto na guerra como no campo.

Assim, os clubes de futebol continuaram na Alemanha durante quase toda a guerra. Os comentaristas de futebol eram incentivados a usar vocabulário militar ao narrar as partidas. E para enfatizar a relação entre a bravura no campo de futebol e no campo de batalha, os resultados das batalhas na fronteira eram transcritos por alto-falantes durante as partidas. Mas houve tentativas de propaganda que funcionaram muito bem.

Em abril de 1938, uma semana antes do plebiscito austríaco no Anschluss com a Alemanha, as equipes encontraram-se para uma partida em Viena. Os alemães foram ordenados a jogar com a Austríia um "futebol bonito, sem agressividade", para reduzir o medo que tinham de a Alemanha ser uma ameaça e para elevar o moral austríaco.

A Austríia venceu por 2 a 0 e, subsequentemente, 99% dos austríacos votaram a favor de Anschluss.

Como o futebol serviu à causa nazista



Mas duas penalidades máximas concedidas aos austríacos foram questionadas por torcedores de ambos os lados. Comenta-se que houve uma ordem de cima para permitir aos austríacos certas concessões. Uma nova equipe de futebol surgiu depois de Anschluss, formada por cinco austríacos e seis alemães e foi considerada pelos aficionados do esporte como uma brincadeira. "Essa mixórdia de jogadores afetou o desempenho da Alemanha durante os anos seguintes. Teria sido o equivalente a, de repente, criar uma equipe nacional misturando a Inglaterra e a Escócia", diz o autor.

Os próprios futebolistas eram obrigados a submeter-se a treinamento nazista, aprendendo maquinamente coisas como o dia do aniversário do fiihrer Fuehrer e também como aperfeiçoar a saudação nazista. "Tínhamos aulas todas as terças-feiras depois do treino", lembra Herbert Moll, que jogou no Bayern de Munique. "Tínhamos de passar por um exame oficial. Os aprovados recebiam um carimbo nos seus 'passaportes de jogador'. Os que não passavam eram descartados. Os bem-sucedidos recebiam também tíquetes de refeição, passes de trem de segunda classe e uns poucos marcos alemães por cada partida.

GOEBBELS PROIBIU A SELEÇÃO DE PERDER

Albert Sing, meio-de-campo da seleção nacional entre 1941 e 1942, diz que nenhum jogador daquela época pode dizer que não sabia o que estava acontecendo. "A coisa toda era pura propaganda política", conta o ex-atleta de 82 anos. "Então, em fevereiro de 1943, Goebbels declarou que todos tinham de lutar... Uma semana depois fomos todos convocados."

Desde 1933 constava na revista da seleção nacional uma advertência da Federação de Futebol Alemã banindo os jogadores judeus dos clubes de futebol do país. A observação de Sing sobre ser claro como cristal o que estava ocorrendo inclui o desaparecimento de cerca de 300 atletas judeus - a maioria sem aviso e nunca mais vista. Poucos esforços foram feitos na época - ou desde então - para esclarecer o episódio.

Gerhard Fuchs e Julian Hirsch foram os jogadores judeus mais fa-

mosos. Eram considerados heróis nacionais muito antes da ascensão dos nazistas e detinham vários recordes. O *Almanaque do Jogador de Futebol*, anuário que contém os recordes de todos os jogadores de 1908 em diante, não incluiu nenhuma menção a nenhum dos dois atletas. Enquanto Fuchs conseguiu escapar para o Canadá, Hirsch ficou por lá. Desempregado, em uma última tentativa desesperada, anunciou seus serviços como treinador de futebol na Kicker, mas em vão. Em 1.º de março de 1943, foi preso e enviado para Auschwitz. Dois dias depois, enviou um cartão-postal para a filha - última vez em que se ouviu falar dele. Hirsch e Fuchs foram os últimos judeus da seleção nacional da Alemanha.

A história dos destinos diversos dos dois jogadores da seleção oferece uma ilustração de como o futebol alemão deve ter sido modificado irreversivelmente sob a suástica. Asbjorn Halvorsen, judeu norueguês duas vezes eleito o jogador do ano na sua época, em Hamburgo, e treinador da Noruega durante a partida histórica assistida por Hitler em Berlim, pesava apenas 40 quilos e sofria de tifo, pneumonia, reumatismo e desnutrição quando foi transportado de um campo de concentração em Alsace para Neuengamme, perto de Hamburgo, em 1944.

Lá, o ex-zagueiro encontrou um ex-colega de equipe, o ex-centro-avante e agora SS hauptsturmfuehrer Otto "Tull" Harder, que havia ingressado voluntariamente no partido nazista em 1932 e tornara-se vigia de campo. Depois da guerra, Harder foi preso e levado a julgamento. Em sua defesa, disse ter tratado os prisioneiros bem, proporcionando-lhes um campo de futebol e que o único motivo pelo qual as pessoas morreram foi porque "estavam acostumadas à alimentação de má qualidade nos guetos judeus e não conseguiram tolerar a qualidade e quantidade de comida oferecida nos campos de concentração."

A DFB planeja pôr em discussão a época mais sombria da sua história ainda este ano. Dedicará de "15 a 20 páginas" ao assunto no livro de comemoração de seu centenário. Quando solicitado a ser mais específico, um porta-voz da Federação respondeu de forma enigmática: "Trataremos do assunto de uma forma estatística." (Tradução de Maria de Lourdes Botelho)